

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

Tauani Chaves Lavarini de Freitas

UNIDADES FRASEOLÓGICAS DA LÍNGUA INGLESA:
uma análise comparativa diacrônica e diatópica

Belo Horizonte

2022

Tauani Chaves Lavarini de Freitas

**UNIDADES FRASEOLÓGICAS DA LÍNGUA INGLESA:
uma análise comparativa diacrônica e diatópica**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Aléxia Teles Duchowny

Belo Horizonte

2022

Freitas, Tauani Chaves Lavarini de.

F866u Unidades fraseológicas da Língua Inglesa [manuscrito] : uma análise comparativa diacrônica e diatópica / Tauani Chaves Lavarini de Freitas. – 2022.
1 recurso online (80 f.) : pdf.

Orientadora: Aléxia Teles Duchowny.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de Pesquisa: Variação e Mudança Linguística.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 58-65.

Apêndices: f. 66-79.

Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Língua inglesa – Variação – Teses. 2. Língua inglesa – Expressões idiomáticas – Teses. I. Duchowny, Aléxia Teles. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 427

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

TAUANI CHAVES LAVARINI DE FREITAS

UNIDADES FRASEOLÓGICAS DA LÍNGUA INGLESA:

uma análise comparativa diacrônica e diatópica

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Aprovada em 23 de novembro de 2022, pela banca constituída pelos membros:

Profa. Dra. Alécia Teles Duchowny - Orientadora (UFMG)

Prof. Dr. Vicente Aguiar Parreiras (CEFET - MG)

Profa. Dra. Miriam Piedade Mansur Andrade (UFMG)

Belo Horizonte, 23 de novembro de 2022.



Documento assinado eletronicamente por **Miriam Piedade Mansur Andrade, Professora do Magistério Superior**, em 23/11/2022, às 17:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alexia Teles Duchowny, Professora do Magistério Superior**, em 24/11/2022, às 19:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Vicente Aguiar Parreiras, Usuário Externo**, em 04/12/2022, às 21:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1906866** e o código CRC **A1AD3A68**.

Preferiria ter questões que não podem ser respondidas a respostas que não podem ser questionadas.

Richard Feynman

Resumo

A presente pesquisa trata das Expressões Idiomáticas (EIs) da língua inglesa como Unidades Fraseológicas (UFs) por excelência, de acordo, principalmente, com a linha de pesquisa teórico-metodológica de Martins (2020), bem como a de Corpas Pastor (1996), García-Page Sánchez (2008), Penadés Martínez (1999), Ruiz Gurillo (2001) e Zuluaga (1980). Fundamentando-se nas definições dos elementos essenciais que as regem — polilexicalidade, frequência, convencionalidade, fixação, idiomaticidade e opacidade —, buscou-se analisar, sob as perspectivas diacrônica e diatópica e com o auxílio de *corpora*, se houve variação no padrão de uso dessas expressões na língua inglesa, entre o século XIX e o XXI, e entre a variante britânica e a estadunidense. A metodologia utilizada baseou-se em um *corpus* de UFs previamente criado na pesquisa de Freitas (2020), que abarca obras literárias de língua inglesa. Devido a sua limitação quantitativa, este foi aqui ampliado com o auxílio de um código em *Python*, cuja função foi localizar e destacar EIs adicionais para o *corpus*. A partir disso, estas foram comparadas com dados de uso do idioma obtidos de quatro *corpora*: i) o *Corpus of Historical English*, aqui representante do inglês estadunidense do século XIX; ii) o *Corpus of Contemporary English*, que consta de amostras da mesma variante, porém do século XXI; iii) o *Hansard British Corpus*, representante do inglês britânico do século XIX; e iv) o *British National Corpus*, composto por textos da variante britânica do século XXI. Estabeleceu-se como hipótese que a variação diacrônica encontrada seria menor em relação a diatópica, visto que um período de tempo como o aqui analisado, que abarca apenas dois séculos, prototipicamente não apresenta alterações linguísticas tão discrepantes. Essa limitação foi delineada pelos *corpora* encontrados, cujo texto mais antigo data de 1803. Sob a perspectiva diatópica, concluiu-se que as EIs são mais frequentes no inglês estadunidense em comparação ao inglês britânico. Já na perspectiva diacrônica, constatou-se que as UFs eram mais utilizadas no século XIX em contraste com o século XXI. No que diz respeito à comparação entre as obras e os *corpora*, viu-se que a frequência das EIs é significativamente maior nas obras literárias analisadas do que nos *corpora* selecionados.

Palavras-chave: expressões idiomáticas, unidades fraseológicas, variação linguística, diatopia, diacronia, língua inglesa.

Abstract

This research deals with English Idioms (EIs) as Phraseological Units (UFs) in accordance, mainly, with the line of theoretical methodological research of Martins (2020), as well as that of Corpas Pastor (1996), García -Page Sánchez (2008), Penadés Martínez (1999), Ruiz Gurillo (2001) and Zuluaga (1980). Based on the definitions of the essential elements that govern them — polylexicality, frequency, conventionality, fixation, idiomaticity and opacity —, our objective was to analyze, from the diachronic and diatopic perspectives and with the help of corpora, whether there was variation in the pattern of use of these expressions in the English language, between the 19th and the 21st century, and between the British and American variants. The methodology used was based on a corpus of UFs previously created by Freitas (2020), which includes English literary works. Due to its quantitative limitation, it was expanded here with the help of a code in Python, whose function was to locate and highlight additional EIs for the corpus. Based on this, the UFs were compared with data on language use obtained from four corpora: i) the Corpus of Historical English, here representing 19th century American English; ii) the Corpus of Contemporary English, which consists of samples of the same variant, but from the 21st century; iii) the Hansard British Corpus, representative of 19th century British English; and iv) the British National Corpus, composed of texts from the British variant of the 21st century. It was established as a hypothesis that the diachronic variation found would be smaller in relation to the diatopic one, since a period of time such as the one analyzed here, which encompasses only two centuries, prototypically does not present such discrepant linguistic alterations. This limitation was outlined by the corpora found, whose oldest text dates from 1803. From a diatopic perspective, it was concluded that EIs are more frequent in American English than in British English. In the diachronic perspective, it was found that the UFs were more used in the 19th century in contrast to the 21st century. Regarding the comparison between the literary works and the corpora, it was verified that the frequency of EIs is significantly higher in the analyzed books than in the selected corpora.

Keywords: idioms, phraseological units, linguistic variation, diatopy, diachrony, English language.

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Número de ocorrências das UFs nas obras	46
Tabela 2 - Número de ocorrências das EIs nos <i>corpora</i>	47
Tabela 3 - Comparação das frequências de uso das EIs entre os <i>corpora</i>	49
Tabela 4 - Comparação das frequências de uso das UFs entre o século XIX e XXI	50
Tabela 5 - Comparação entre as EIs do inglês estadunidense e britânico	51
Tabela 6 - Relação entre o aspecto diatópico e o diacrônico das UFs analisadas	52

Lista de Abreviaturas

AM - Inglês americano, ou estadunidense

AN - Mais comum antigamente, ou no século XIX

AT - Mais comum atualmente, ou no século XXI

BR - Inglês britânico

BNC - *British National Corpus*

COCA - *Corpus of Contemporary American English*

COHA - *Corpus of Historical American English*

EI - Expressão idiomática

HANSARD - *Corpus of British Parliament Speeches*

UF - Unidade fraseológica

Sumário

1. Introdução	11
2. Revisão Teórica	16
2.1. A Fraseologia	16
2.1.1. Unidades fraseológicas/Expressões idiomáticas	18
2.1.2. Elementos essenciais às UFs	21
2.1.2.1. Polilexicalidade	22
2.1.2.2. Frequência	23
2.1.2.3. Fixação	25
2.1.2.4. Convencionalidade	26
2.1.2.5. Idiomaticidade	27
2.1.2.6. Opacidade	29
2.2. A Variação e Mudança Linguística	30
2.2.1. Diatopia	31
2.2.2. Diacronia	32
3. Metodologia	34
3.1. Obras selecionadas	34
3.2. Código utilizado	35
3.3. <i>Corpora</i> escolhidos	36
3.4. Descrição das expressões	38
4. Descrição dos dados	45
4.1. Descrição comparativa entre as obras	45
4.2. Descrição comparativa entre os <i>corpora</i>	46
4.3. Descrição comparativa entre as obras e os <i>corpora</i>	47
5. Resultados	49
5.1. Análise diacrônica	49
5.2. Análise diatópica	50
5.3. Relação entre os vieses diacrônico e diatópico	51
6. Conclusões	53
7. Considerações Finais	55
Referências	58
Textos do Corpus	66
<i>Corpora Online</i>	67

Código	68
Apêndices	69
A. Análise comparativa entre as obras	69
B. Análise comparativa entre os <i>corpora</i>	71
C. Resultados obtidos	74
D. Código criado para coleta dos dados da pesquisa	76

1. Introdução

No que concerne ao âmbito linguístico, inúmeros fenômenos tomam lugar no léxico dos falantes. No interior da Fraseologia, designada por Charaudeau e Maingueneau (2008) como a área que estuda expressões cristalizadas, simples ou compostas, características de uma língua ou de um tipo de discurso (p. 245), temos, por exemplo, as expressões idiomáticas (EIs). Martins (2020) explica que, nessa perspectiva, considera-se a EI, nomeadamente a locução verbal, como uma unidade fraseológica (UF) por excelência¹. No viés da presente pesquisa, a linha teórica deste mesmo autor será adotada.

As UFs são instâncias linguísticas nas quais, segundo Viaro (2014), um conjunto de palavras, com significados originários individuais e literais, adquire um sentido metafórico adicional que se cristaliza em uma língua por sua frequência de uso e tradição cultural, como nos seguintes exemplos do português:

- (1) Chutar o balde (agir irresponsavelmente, sem considerar as consequências);
- (2) Cair a ficha (dar-se conta de algo ou entender um assunto tardiamente);
- (3) Dar o braço a torcer (ceder ou rever uma decisão);
- (4) Fazer tempestade em copo d'água (transformar uma banalidade em tragédia).

Tendo em vista a alta frequência com que as EIs são utilizadas em instâncias dialógicas e sua vasta presença na língua, a ocorrência das UFs se faz um importante fator nos estudos da linguagem, especialmente sob a perspectiva diacrônica (visto que seu traço essencial é a oscilação do sentido com o tempo), bem como sob a perspectiva diatópica, visto que tal viés se manifesta como uma das formas mais recorrentes de variação linguística encontradas.

¹ Alguns teóricos, como Detry (2010), Monteiro-Plantin (2012), Porto Dapena (2002) e Rodríguez (2012) consideram que Expressões Idiomáticas são um hipônimo do hiperônimo Unidades Fraseológicas - ou seja, para eles toda EI é uma UF, mas nem toda UF é uma EI. A perspectiva desses linguistas será posteriormente analisada na seção de revisão teórica.

Para o estudo desse fenômeno, Cruz (2016) explica que “é por meio de comparações, de regularidades e de correspondências que as UFs devem ser analisadas, e não a partir de uma suposição de que a soma das etimologias de seus componentes corresponde à sua” (p. 27). Isso pode ser visto nas expressões citadas acima: a frase (1), por exemplo, não significa simplesmente a junção das unidades lexicais que a compõem; o sentido de agir de forma irresponsável não pode ser abstraído dos termos “chutar”, “o” e “balde”. Para que um falante da língua compreenda esse uso, outros fatores devem ser levados em consideração, e portanto torna-se pertinente que o campo da Linguística os descreva. Assim, estabelece-se que tais locuções são parte importante da linguagem, visto que funcionam à sua própria maneira e se distinguem por fatores específicos que ocorrem de forma recorrente em seu uso.

Com isso em mente, a presente pesquisa se justifica considerando a necessidade de aprofundamento das investigações na área da Fraseologia, pois os trabalhos que analisam dados reais da língua (explorando ocorrências reais de unidades fraseológicas e expressões idiomáticas) não são numerosos quando contrastados com os estudos que tratam somente da descrição teórica desses fenômenos. Segundo Cruz (2016), “tal fato se prova incoerente ao considerarmos a ampla presença desses termos nas línguas, o que demonstra que a demanda do desenvolvimento de pesquisas voltadas para essas formas linguísticas é significativa” (p. 28).

Aqui, faz-se importante ressaltar que a pesquisa prévia feita por Freitas (2020), Equivalência tradutória de EIs na Literatura Inglesa, apresentada como monografia para obtenção do título de Bacharel em Tradução Português-Inglês na UFMG, foi um fator fundamental nas escolhas tomadas no presente trabalho. Nesta, UFs foram analisadas sob a perspectiva tradutória, buscando encontrar equivalência na tradução de UFs que apareciam em obras de língua inglesa e suas respectivas versões em português brasileiro. A seleção prévia de *corpus* fraseológico e os resultados obtidos deram espaço à continuidade do

trabalho, dessa vez com ênfase na variação linguística que foi encontrada, sendo portanto determinante para a escolha da metodologia desta pesquisa.

A necessidade de desenvolvimento de estudos continuados na área também reforça-se tendo em vista as constantes alterações que ocorrem incessantemente nas línguas humanas naturais, corroborando com a ideia de que os estudos na área devem sempre se manter atualizados. Labov (2008) aponta que “(...) as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo” (p. 21). Essa afirmação reitera a pertinência da compreensão das mudanças que ocorrem tão comumente nas línguas, previstas por Coseriu (1979) ao explicar os tipos de variantes linguísticas existentes: as diacrônicas (históricas), diafásicas (situações de uso formal ou informal do discurso), diastráticas (uso por diferentes grupos sociais de falantes) e diatópicas (regionais). Tais fatores também serão apresentados nas seções a seguir.

Portanto, ao considerar os conceitos abordados acima, bem como a motivação baseada no aprofundamento dos estudos prévios, a atual pesquisa visa estabelecer uma análise diacrônica (século XIX - século XXI) e diatópica (inglês estadunidense - inglês britânico) de frequência e de uso de Unidades Fraseológicas (UFs). Já seus objetivos específicos são:

- Descrever as UFs levando em conta seus aspectos essenciais, a dizer: polilexicalidade, frequência, fixação, convencionalidade, idiomaticidade e opacidade, reunindo as perspectivas de diferentes teóricos em consonância com o viés de Martins (2020);
- Contrastar os padrões de utilização de EIs em *corpora* selecionados;
- Delinear a frequência de uso de UFs sob o viés da diacronia;
- Delinear a recorrência de uso de UFs sob o viés da diatopia;
- Averiguar se há variação na frequência de uso dessas locuções.

Como metodologia para seleção e tratamento dos dados, o *corpus* fraseológico desenvolvido na pesquisa previamente mencionada de Freitas (2020) foi utilizado, no qual UFs foram retiradas de quatro obras de língua inglesa do século XIX (descritas na Seção 3.1.). Por tal seleção ter sido feita manualmente e as obras juntas totalizarem um número significativo de páginas, apenas uma quantidade seleta de EIs havia sido escolhida. Com o intuito de aprofundar a presente pesquisa e aumentar sua representatividade, novas UFs deveriam ser adicionadas ao *corpus*; para tal, um código em Python foi criado por Lima (2021)² (descrito na Seção 3.2.) para selecionar de forma automática EIs listadas no livro *Idioms and Expressions: a method for learning and remembering idioms and expressions*, de David Holmes (2013), e verificar se estas ocorriam nas mesmas obras.

As UFs encontradas pelo código passaram a integrar o *corpus* fraseológico, e, para que suas ocorrências pudessem ser comparadas sob as perspectivas diacrônica e diatópica, este foi por fim analisado em relação a *corpora online* de inglês britânico e estadunidense dos séculos XIX (a mesma época em que as obras foram publicadas) e XXI (Seção 3.3). É importante ressaltar que as expressões não foram retiradas diretamente dos *corpora* disponíveis na internet pois estes não disponibilizam nenhum tipo de filtro que destaque essencialmente fraseologias: estas poderiam ser procuradas de forma manual, uma por vez, mas isso seria desnecessariamente trabalhoso se comparado a utilização do código.

Dentre as hipóteses iniciais supostas para os resultados da pesquisa, a que melhor se embasa é que a variação diatópica encontrada seria mais marcante do que a diacrônica, uma vez que o período entre os séculos comparados, XIX e XXI, é consideravelmente curto para que mudanças significativas ocorram na língua, especialmente se considerarmos os aspectos de frequência, fixação e convencionalidade de Expressões Idiomáticas (descritos nas Seções 2.1.2.2., 2.1.2.3. e 2.1.2.4.).

² Apêndice D.

Por fim, para concretizar a viabilidade do atual trabalho, é fundamental que seu objeto de estudo seja amplamente analisado à luz da literatura atual, desenvolvida por teóricos da fraseologia linguística, delineando as características fundamentais e peculiaridades que regem seu funcionamento. Essa análise é trabalhada na Revisão Teórica a seguir, que interliga pontos de vista dos diferentes autores da área, mas que se atém sempre ao que é consonante com a linha de pensamento de Martins (2020), aqui adotada. Após essa seção, a metodologia empregada será discutida com detalhamento, seguida pela análise dos dados, discussão dos resultados obtidos, conclusão, e por fim considerações finais.

2. Revisão Teórica

No estado da arte apresentado abaixo, as noções essenciais à presente investigação são discutidas. A revisão se divide em: (i) uma seção sobre a área da Fraseologia, abarcando a definição de Fraseologia sob a perspectiva de autores que moldam o viés deste trabalho; (ii) uma breve explicação sobre o âmbito das locuções verbais, dentro do qual se encontram as Unidades Fraseológicas e, por conseguinte, as Expressões Idiomáticas; outra sobre (iii) o aprofundamento teórico nos fenômenos que regem as instâncias fraseológicas objeto da presente pesquisa: polilexicalidade, frequência, convencionalidade, fixação, idiomaticidade e opacidade; e por fim (iv) uma seção sobre a área da Variação e Mudança Linguística, abrangendo as noções essenciais à diatopia e à diacronia que são abarcadas pelo objeto do atual trabalho.

2.1. A Fraseologia

A palavra Fraseologia, formada dos elementos *frase* + *-o-* + *-logia*, chegou-nos pelo francês *phraséologie* e aparece pela primeira vez no âmbito dos estudos linguísticos em Bally (1951, p. 66). Charaudeau e Maingueneau (2008) designam Fraseologia, por sua vez, como conjunto de expressões cristalizadas, simples ou compostas, características de uma língua ou de um tipo de discurso (p. 245), e Monteiro-Plantin (2012) a assinala como o estudo das combinações de unidades léxicas, relativamente estáveis, com certo grau de idiomaticidade, polilexicais, que constituem a competência discursiva dos falantes, em primeira ou segunda língua, utilizadas convencionalmente em contextos precisos, ainda que, muitas vezes, de forma inconsciente (p. 140).

Dentro desse mesmo âmbito, García-Page Sánchez (2008) defende a Fraseologia como a disciplina Linguística que estuda unidades fraseológicas e que leva em conta o grau de competência metafórica do falante, seja nativo ou não nativo (p. 6). Já Detry (2010) descreve que as principais linhas de pesquisa da área procuram responder questões do tipo: como os falantes armazenam este tipo de unidades? Como ocorre o processamento fraseológico? Que funções desempenham tais unidades na interação? (p. 75). Vilela (2002), por sua vez, explica que “a disciplina tem como objeto as combinações fixas de uma dada língua que podem assumir a função e o sentido de palavras individuais ou lexemas” (p. 170). O autor também diz que “o modelo em que se inscreve a Fraseologia dá possibilidade ao falante/escrevente de dizer muito mais do que as palavras dizem e ao ouvinte/leitor de entender muito mais do que a materialidade fônica” (p. 219).

No viés de Solano Rodríguez (2012), a área estuda elementos muito diferentes entre si, tanto na forma quanto pela função que exercem no discurso, e delimitar seus conceitos é fundamentalmente necessário para poder explicar os fenômenos que nela ocorrem com uma terminologia conceitualmente clara (p. 126). Para Strehler (2009), “a fraseologia mostra que a língua é um código que está em relação estreita com outros códigos” (p. 18), e Montoro del Arco (2006) afirma que um segmento é considerado fraseológico quando é formado por dois ou vários componentes que aparecem separados na escrita (p. 37).

Para Martins (2020), cuja linha teórica é adotada na presente pesquisa e correlata com o que afirmam os autores supracitados, “a Fraseologia, disciplina linguística situada no campo dos estudos do léxico (...), ocupa-se das combinações estáveis de unidades léxicas, constituídas por mais de duas palavras gráficas” (p. 15). Ainda segundo o autor, a Fraseologia é entendida como parte da Linguística que tem as Unidades Fraseológicas (UFs) como objeto de estudo. Para ele, a expressão idiomática (EI), nomeadamente a locução verbal, é

considerada uma unidade fraseológica por excelência (p. 36). Sendo assim, ambos os termos serão aqui tratados como sinônimos.

Nesse âmbito, Martins (2020, p. 16) explica ainda que as unidades fraseológicas podem ser fixas e não idiomáticas, da mesma forma podem ser também idiomáticas, mas com um grau de variação marcante. Isso quer dizer que existem EIs menos opacas que outras, portanto, que são consideradas transparentes. Para o autor, quem tem juízo crítico para dizer se uma expressão é opaca ou transparente é o falante, e não o lexicógrafo ou o fraseólogo, a menos que a submeta a testes psicolinguísticos com sujeitos de uma língua materna, visto que no *continuum* das unidades fraseológicas, as expressões idiomáticas são as unidades léxicas marcadas culturalmente (p. 17).

É necessário que tais fatores, que funcionam como agentes delimitadores do uso das UFs, sejam analisados de forma pontual para que se possa compreendê-las como um todo. Essa descrição será feita nas seções a seguir, tendo-se como embasamento teórico-metodológico, principalmente, a perspectiva de Martins (2020). No entanto, os demais autores que serão citados, por não entrarem em contradição com o arcabouço ao qual foi dado preferência, também servirão de suporte para a testagem de nossa hipótese.

2.1.1. Unidades fraseológicas/Expressões idiomáticas

Para Martins (2020), no mundo da linguagem, “as expressões idiomáticas não são apenas ou preferencialmente sintagmas verbais, uma vez que podem aparecer em diversas configurações (colocações, provérbios etc.) no *continuum* fraseológico” (p. 27). Essas UFs (também chamadas expressões fixas) são construções retidas ou armazenadas na memória declarativa de longo prazo. (p. 28). Segundo o autor, tais fenômenos implicam em um “processo de ampliação do léxico, seja para nomeação ou qualificação, contribuindo para a

lexicalização dos conceitos e categorização de nossa experiência cotidiana” (p. 33). Ou seja, as EIs, dentro ou fora de contexto, podem levar falantes nativos ou não nativos de uma língua a se depararem com ambiguidades estruturais causadas pela dicotomia semântica: sentido literal versus sentido idiomático.

No *continuum* das unidades fraseológicas, as expressões idiomáticas seriam, portanto, as unidades léxicas marcadas culturalmente. Ainda de acordo com o linguista, as UFs são itens léxicos e, portanto, tão culturais quanto quaisquer outras palavras da língua. As muitas e díspares propriedades das expressões idiomáticas descritas por diferentes teóricos são fruto “mais de discrepâncias ou divergências nas classificações das unidades fraseológicas e da própria definição do que se entende por Fraseologia do que propriamente por fatores estruturais ou semânticos das combinações estáveis ou fixas da língua, idiomáticas ou não” (MARTINS, 2020, p. 45). São abundantes as expressões idiomáticas que admitem modificações de seus elementos constituintes através da ‘técnica do discurso’, própria das combinações livres.

Quando expressões idiomáticas se comportam como se fossem combinações livres, portanto, de sintaxe plena, o que ocorre, geralmente, é a inclusão na combinatória de incrementos léxicos com valor intensificador, mas que não interferem no conceito de fixação das expressões idiomáticas, particularmente no caso das locuções verbais (MARTINS, 2020, p. 55). Para o autor, as expressões idiomáticas podem ser entendidas como elementos da tradição oral de uma cultura, ou, em outras palavras, locuções próprias de uma língua, cuja tradução literal não faz sentido numa outra língua de estrutura análoga, por ter um sentido não dedutível da simples combinação dos sentidos dos elementos que a constituem (p. 56).

Para Xatara (1998), “de um modo geral, as Expressões Idiomáticas são muito frequentes, visto que fazemos constante uso delas em nosso dia-a-dia, sem nos darmos conta” (p. 154). A autora acredita que a profusão das expressões idiomáticas decorreria de duas

razões principais: (a) o poder de seus efeitos criativos e (b) a revelação do mundo simbólico ou metafórico (p. 148). Segundo ela, graças a “uma espessura simbólica”, peculiares às expressões idiomáticas, e por estarem retidas na memória dos falantes, são criadas condições para que, durante o processamento fraseológico, sejam acionadas “transferências semânticas regulares, do concreto ao abstrato, do físico ao psíquico, exprimindo julgamentos sociais e compartilhando das mais diversas sensações e emoções” (p. 149).

Tagnin (2005) recorre ao princípio da não composicionalidade semântica, ao definir uma expressão idiomática como toda expressão que não corresponde à somatória do sentido parcial de cada um de seus elementos (p. 17). Perini (2010), por sua vez, ao situar as expressões idiomáticas no âmbito das classes de palavras, entende que são “sequências fixas de palavras, tomadas como unidades singulares, que têm sentido próprio que nem sempre é derivado dos sentidos das palavras componentes” e, em geral, “não admitem substituição de itens por sinônimos” (p. 323). Já Porto Dapena (2002) define as expressões idiomáticas como construções ou segmentos pluriverbais, que o falante, igualmente como as palavras, retém na memória e reproduz na fala, sem, por outro lado, poder alterá-las, sob pena de introduzir uma variação de sentido (p. 149).

Na relação entre língua e cultura, refletida no léxico, a motivação para inúmeras expressões idiomáticas provém de, pelo menos, três procedências, segundo Negro Alousque (2010): (a) alusão a costumes, feitos históricos, obras artísticas, lendas, mitos e crenças, como em “jogar lenha na fogueira” (piorar uma situação que já é caótica); (b) evocação a elementos que formam parte do acervo cultural de cada povo, entre os quais são incluídos os costumes e tradições, obras literárias, acontecimentos que são modelos de uma situação ou qualidade, como “dar nome aos bois” (falar claramente); (c) associações a partir das quais se interpreta a realidade e crenças, como em “ver o sol (nascer) quadrado” (estar na cadeia) (p. 139).

Quanto ao *status* linguístico das unidades fraseológicas, objeto desta pesquisa, aliamos-nos à postulação de Zuluaga (1980) de que pertencem ao patrimônio coletivo da comunidade linguística e que fazem parte do acervo ou repertório de elementos linguísticos anteriores ao falar, conhecidos pelos falantes, que se definem como unidades polilexicais psicolinguisticamente armazenadas na memória dos usuários ou nativos da língua (p. 21).

Dessa forma, torna-se por fim possível prosseguir com a análise dos fatores componentes das UFs, selecionados por linha teórica e autor, desenvolvido nas subseções a seguir.

2.1.2. Elementos essenciais às UFs

Linguistas como Nunberg, Sag e Wason (1994, p. 492), Corpas Pastor (1996, p. 19-32); Castillo Carballo (1997, p. 70-75); Penadés Martínez (1999, p. 14-19); Iñesta Mena e Pamies Bertrán (2002, p. 21-56); Martínez Montoro (2002, p. 13-89); Montoro Del Arco (2006, p. 35-70); García-Page Sánchez (2008, p. 23-34); Timofeeva (2008, p. 153-333) e Ruiz Gurillo (2010, p. 174-194) apontam as seguintes características como propriedades das EIs: afetividade, anomalia, convencionalidade, cristalização, estabilidade, estrutura não oracional, expressividade, figuração, figuras de repetição, fixação, frequência, gradualidade, idiomaticidade, inflexibilidade, informalidade, institucionalização, lexicalização, metaforicidade, não composicionalidade, nominação, proverbalidade, pluriverbalidade, polilexicalidade, variabilidade, entre outras.

A perspectiva de Martins (2020) delimita tais atributos em: polilexicalidade, frequência, convencionalidade, fixação e idiomaticidade (p. 36), baseando-se essencialmente nas pesquisas de Zuluaga (1980, p. 141-188), Corpas Pastor (1996, p. 88-131); Penadés Martínez (1999, p. 11- 22); Ruiz Gurillo (2001, p.15); e García-Page Sánchez (2008, p.

16-20). Por tratar do viés adotado na presente pesquisa, suas definições serão priorizadas, e as explicações das mesmas serão trabalhadas nas seções seguintes.

2.1.2.1. Polilexicalidade

Segundo Saliba (2000), a maioria das divergências ou confusões terminológicas na Fraseologia contemporânea encontra explicações nas primeiras investidas da lexicografia na elaboração dos dicionários gerais, ao não levarem em conta que agrupamentos de palavras, tradicionalmente conhecidos na literatura científica como expressões idiomáticas, provérbios, clichês, binômios, citações, colocações, frases lexicais, fórmulas, frases feitas, provérbios, aforismos, máximas, ditos, adágios, anexins, ditados, sentenças, parêmsias, que têm em comum serem “polilexicais, isto é, pertencerem ao grande e complexo *continuum* fraseológico no qual não há limites rígidos capazes de estabelecerem, com precisão, a diversidade de unidades lexicais maiores que a palavra” (p. 32).

Para Delbecque (2008), no âmbito dos estudos de Linguística Cognitiva, há uma compreensão de que, graças à propriedade de polilexicalidade, há uma intensa produtividade de expressões fixas nas línguas modernas, fórmulas binárias que estabelecem o princípio da ordem linear da maioria das locuções (p. 26). Já sob a perspectiva de Gross (1996), a polilexicalidade é a primeira condição necessária para que se possa falar acerca da fixação (cristalização) das expressões idiomáticas e que as palavras, constituintes da expressão idiomática, tenham uma existência autônoma fora da construção ou combinação fraseológica (p. 9), como vê-se nos exemplos:

(7) Ela acertou na mosca.

(8) Cortamos prego na última prova de Matemática.

O fato de que, em ambas as frases acima, ações concretas como “acertar uma mosca” e “cortar um prego” permitam o estabelecimento de uma construção polilexical, ou seja, que possam passar a significar “com precisão” ou “enfrentar dificuldades”, é o que permite que as EIs sejam fenômenos recorrentes na língua. Para Martins (2020), no caso das expressões idiomáticas, representadas pelas locuções verbais, a polilexicalidade é uma condição inerente ao próprio conceito locucional como um conjunto de palavras que equivalem a um só vocábulo, por terem sentido, combinação própria ou peculiar e função gramatical única (p. 46). García-Page Sánchez (2008), por fim, afirma que o fato de unidades fraseológicas terem muitas palavras é uma condição absolutamente necessária, mas não exclusiva, e suficientemente restritiva, o que significa dizer que “este fato linguístico pode representar um fenômeno mais amplo se inclui a fixação da forma e a fixação semântica como operações simultâneas, uma vez que fixa, também, o sentido fraseológico” (p. 25).

2.1.2.2. Frequência

Depois da polilexicalidade, a frequência de uso (e de coaparição) é a propriedade mais sobressalente das expressões idiomáticas. Sem a frequência, não podemos falar em convencionalidade (ou fixação fraseológica) ou dizermos, por exemplo, que uma expressão idiomática é, antes de tudo, uma expressão fixa e, portanto, armazenada na memória dos falantes nativos. Segundo Lemos (2012, *apud* MARTINS, 2020), graças à frequência de uso, “as expressões idiomáticas potencializam as funções apelativas da linguagem oral/escrita, que se caracterizam pela interpelação direta do interlocutor”, e incrementam também “as mesmas funções da linguagem não verbal, uma vez que estão presentes, por exemplo, em Língua Brasileira de Sinais” (p. 48-52).

Já para Xatara (1998), de modo geral “as Expressões Idiomáticas são muito frequentes, visto que fazemos constante uso delas em nosso dia-a-dia, sem nos darmos conta” (p. 154). A frequência de uso, segundo a linguista, seria responsável por dar caráter previsível e automatismo às expressões idiomáticas ou, mais precisamente, pela convencionalidade, tornando-as frequentes no discurso, mas, ao serem apresentadas aos usuários da língua, surpreendentemente, revelam-se com um poder metafórico ou idiomático de seus efeitos sobre os usuários, “através do jogo entre suas relações, sobretudo metafóricas e metonímicas, e do recurso ao seu sentido literal” (p. 149).

Corpas Pastor (1996), por sua vez, nos diz que a frequência é um traço destacado das expressões idiomáticas ao considerá-las como unidades léxicas polilêxicais que “se caracterizam por sua alta frequência de uso, e de coaparição de seus elementos integrantes”. Para o autor, a frequência, como característica linguística das expressões idiomáticas poderá apresentar duas vertentes, conforme já pudemos observar na definição anterior: (a) frequência de uso da expressão idiomática como tal e (b) frequência de coaparição de seus elementos constituintes. No caso (b), os elementos constituintes não aparecem sozinhos sob pena de descaracterizar a expressão idiomática (p. 20). O linguista afirma ainda que a frequência ocorre quando as expressões idiomáticas apresentam elementos constituintes que aparecem combinados com uma frequência de aparecimento do conjunto ou bloco superior ao que se espera da frequência de aparecimento individual de cada palavra na língua. Ou seja, “quanto mais frequente o uso da combinação, mais chances terá para consolidar-se como expressão fixa que os falantes nativos armazenam na memória de longo prazo” (p. 21).

2.1.2.3. Fixação

Emparelhada com a frequência, Martins (2020) aponta ainda, entre propriedades essenciais das EIs, a fixação ou a estabilidade. Uma explicação das teorias fraseológicas sobre o surgimento desta propriedade fraseológica resultaria de um processo “histórico-diacrônico e da conversão paulatina de uma construção livre e variável em uma construção fixa, invariável, sólida, graças à insistente repetição; portanto, como consequência de sua frequência” (p. 52). Quando o sentido de uma expressão idiomática se estabiliza, a forma livre originária, estruturalmente idêntica, portanto, correspondente a literal, seguirá outros caminhos semânticos ou ocorrências semânticas, disponível para emprego discursivo, e, exposta, como qualquer outro signo da língua, a preencher-se de novos matizes semânticos; daí as expressões idiomáticas experimentarem mudanças no sentido ou se tornarem arcaísmos. Para o mesmo autor, o inventário de variantes fraseológicas, as que permanecem no uso da língua, sem se tornarem anacrônicas ou obsoletas, são as que são, geralmente, codificadas e consagradas pela comunidade e previstas pelo sistema da língua (MARTINS, 2020, p. 53-58). Existiriam, no entanto, “fatores para transgressão da fixação ou variação fraseológica”: (1) a própria natureza fixa da locução; (2) o caráter travado e coeso de sua composição léxica, sintática, e inclusive, fônica (relativo ao contínuo sonoro que constitui a cadeia falada); e (3) seu valor de unidade memorizável (MARTINS, 2020, p. 55):

A estabilidade da combinatória de uma expressão idiomática, ao longo de um tempo, resulta, pois, da consagração pelo uso na comunidade linguística, ainda assim e, paradoxalmente, tal fixação não se imporia como homogênea para todos os falantes de dada língua nem mesmo os dicionários gerais ou especializados registram as expressões idiomáticas ou as abonam de igual modo. No caso da institucionalização, a expressão idiomática converte-se em produto cultural, como um referente idiossincrático e de uso por uma comunidade linguística, embora possa ultrapassar as fronteiras e alcançar o campo internacional, isto é, passar a fazer parte do universo fraseológico compartilhado por comunidades de falas distintas. Na institucionalização de uma estrutura, normalmente, a ação fixadora do uso repetido é precisa (MARTINS, 2020, p. 57).

Ainda no campo fraseológico, o traço de fixidez da instituição leva a outra noção, a de reprodutividade, que é a mesma percebida por Eugenio Coseriu quando fez referência a “discurso repetido” (2007, p. 201). Por conta da repetição ou reprodução, ocorreria a institucionalização, e esta também levaria, no uso da língua, à repetição da expressão, evidenciando seus valores intrínsecos como fórmula ou discurso repetido, conhecimento ou experiência compartilhada entre os falantes, sua natureza estruturalmente sintética e sua marca de identidade cultural da comunidade linguística (COSERIU, 2007, p. 202).

Já sob o viés de García-Page Sánchez (2008), “como os signos simples do sistema, as combinações fixas pertencem ao componente léxico da língua, ao ‘*lexicon*’, e se encontram armazenadas na memória, de onde tão só são resgatadas em cada ato de fala” (p. 15). A noção de institucionalização, ainda segundo o autor, é um dos traços acidentais das expressões idiomáticas que também pode ser emparelhado com o conceito de fixação. O atributo seria, portanto, o processo pela qual uma comunidade linguística, adota uma expressão fixa, a sanciona como “algo próprio, como moeda de troca na comunicação cotidiana, como componente do seu acervo linguístico-cultural, de seu código idiomático, como qualquer outro signo convencional e passa a formar parte do vocabulário” (GARCÍA-PAGE SÁNCHEZ, 2008, p. 29).

2.1.2.4. Convencionalidade

No que trata do aspecto da convencionalidade, Martins (2020) explica que, quando dizemos que o sentido das palavras ou das expressões, particularmente as idiomáticas, é convencional, isso quer dizer que certos sons e expressões “significam o que realmente querem dizer convencionalmente e não necessariamente o que dizem as palavras que as compõem *ipsis litteris*” (p. 70). No âmbito das teorias fraseológicas, Nunberg, Sag e Wason

(1994) apontaram a convencionalidade como um traço obrigatório das expressões idiomáticas, reafirmando o princípio da não composicionalidade semântica, isto é, o sentido ou uso de uma expressão idiomática não resulta dos sentidos parciais dos elementos constituintes que a formam (p. 492).

Tagnin (2005), por sua vez, define tal propriedade como caracterizadora da “forma peculiar de expressão numa dada língua ou comunidade linguística” (p.14). Segundo ela, existe um *continuum* de unidades linguísticas convencionais, pertencentes ao léxico de dada língua, ainda que o aprendiz de uma língua estrangeira conhecesse toda a gramática e soubesse todo o dicionário de cor, não teria pleno domínio linguístico. É provável, ainda conforme a autora, que as dificuldades relacionadas com o aprendizado das expressões idiomáticas, em L1 ou L2, tenham a ver com o fato de serem apreendidas individualmente, uma a uma, uma vez que não existem regras que as gerem (p. 11). A linguista ressalta que “todas essas unidades são aprendidas como um todo, isto é, em bloco” (p. 13). A convencionalidade é, para ela, “o aspecto que caracteriza a forma peculiar de expressão numa dada língua ou comunidade linguística. No momento em que a convenção passa para o nível do sentido, podemos falar em idiomatidade” (p. 14).

2.1.2.5. Idiomatidade

Para Searle (2002), a idiomatidade de uma expressão complexa não seria estabelecida pelo sentido presente na estrutura da própria sentença, mas pelo sentido da emissão do falante, ou seja, pelo que o falante quer significar ao emitir a expressão idiomática (p. 124). Montoro del Arco (2006) delimita tal atributo como “a propriedade que certas unidades fraseológicas apresentam, para o qual o sentido global da unidade não é dedutível do sentido isolado de cada um dos elementos constitutivos” (p. 45).

Já segundo Martins (2020), é possível que existam expressões complexas e fixas na língua que não sejam idiomáticas para outros falantes, particularmente os não nativos e que poderão tomá-las no sentido mais literal. Afinal, para ele, “a idiomaticidade não está apenas na estrutura das expressões complexas, mas na mente ou na memória dos falantes. A idiomaticidade seria então determinada a partir da noção de interlinguística e intralinguística” (p. 24). É idiomática, portanto, “uma expressão que, ao ser traduzida para a língua-alvo, pelo menos um de seus elementos recebe um equivalente especial, que aparece somente nesta expressão” (MARTINS, 2020, p. 62). Para o autor, o conceito de idiomático aproxima-se muito, dentro do contexto gramatical, da noção de anomalia, isto é, “o caráter de expressões ou construções não seguirem as regras ou paradigmas de uma língua e terem caráter imprevisível e irregular comparadas às combinações livres” (MARTINS, 2020, p. 64). Numa segunda concepção, a perspectiva mais estreita ou restrita do termo idiomaticidade é considerada como a “categoria pertencente à semântica composicional (ou não composicional) e muito particularmente à forma de significar das unidades fraseológicas” (MARTINS, 2020, p. 65).

Por sua vez, na tradição Linguística, Bevilacqua (1996) explica que o conceito de idiomaticidade tem, ao menos, duas concepções: por um lado, uma concepção *lato sensu* (sentido amplo) “daquilo que, na língua, é próprio, particular, peculiar ao sistema linguístico, daí o termo idiomatismo”; e por outro, a concepção *stricto sensu* (sentido restrito), “decorrente da noção fraseológica do princípio da não composicionalidade semântica ou da opacidade semântica” (p. 77).

2.1.2.6. Opacidade

Segundo Martins (2020), a opacidade do sentido da expressão decorre da utilização de palavras que fazem referência frequente a elementos histórico-culturais ou a combinações baseadas no imaginativo, intuitivo, expressivo, “nas quais as palavras passam a adquirir uma significação simbólica e metafórica” (p. 68). Para o autor, as diversas anomalias presentes nas expressões idiomáticas tendem a torná-las expressões ambíguas, isto é, potencialmente composicionais (transparentes ou literais) e não composicionais (opacas e idiomáticas ou não literais) e, por essa razão, “o contexto desempenha um papel importante na identificação das expressões idiomáticas quando trazem as marcas de anomalias fraseológicas” (MARTINS, 2020, p. 59). Ainda para o mesmo autor, quando estamos diante de expressões idiomáticas efetivamente opacas, mesmo que haja reconhecimento dos lexemas que formam a expressão, acessar o sentido idiomático não é tarefa trivial que se resolve unicamente com a linguagem literal (p. 67).

González-Rey (2007), por sua vez, defende a ideia que a opacidade resultaria de uma percepção relativa dos usuários, que são os que opinam se uma expressão é opaca ou não. A opacidade dependeria do grau de transparência com a que se expressa uma ideia, mas o que verdadeiramente determina a compreensão do sentido idiomático são, segundo ela, os conhecimentos prévios e os procedimentos cognitivos dos usuários. Segundo a linguista, “a opacidade vem de uma falha da mente [dos usuários da língua] ao reconhecer sua incapacidade de desemaranhar sentido” (p. 179). Já para Tagnin (2005), o sentido atribuído do que é idiomático é o de “não transparente” ou “opaco”.

Mogorrón Huerta (2010), por fim, propõe que o sentido idiomático da expressão não pode ser deduzido ou interpretado a partir do sentido de cada um dos elementos léxicos que a compõem. Segundo o autor, é um desafio para os estudiosos assinalarem, claramente, os

limites e as fronteiras entre o que pode ser efetivamente considerado idiomático ou opaco e o semi-idiomático ou transparente, ou, ainda, semitransparente, uma vez que essa classificação dependeria, em grande parte, “não da estrutura dos sintagmas, mas dos conhecimentos linguísticos ou enciclopédicos dos usuários ou falantes da língua” (p. 240-243).

Destarte, tendo em mente todos os fatores da Fraseologia que compõem as unidades fraseológicas, objeto de estudo desta pesquisa, resta delimitar o âmbito da Variação e Mudança Linguística, visto que a proposta do atual trabalho é analisar tais fenômenos sob a perspectiva da área. Sendo assim, a pertinente revisão sobre essa linha teórica e os aspectos necessários a esta investigação também será descrita a seguir.

2.2. A Variação e Mudança Linguística

De acordo com Chambers et al. (2007, p. 23), a língua é um sistema social aberto e mutável, sempre em transformação, moldada por seus falantes de acordo com suas necessidades comunicativas. A língua não é um produto nem um instrumento, mas, pelo contrário, “é feita pelo uso em meios semióticos, se categorizando assim como o objeto de estudo da Sociolinguística, falada por indivíduos de regiões, profissões, estratos sociais, situações e épocas diferentes” (BAYLEY, 2007, p. 25).

Trudgill (1974, p. 32), por sua vez, explica que a linguística estruturalista europeia recorreu ao prefixo *dia-* (que significa ao “longo de”, ou “através de”) e produziu diferentes termos para designar estes tipos de variações: diatopia, ou variações diatópicas (em função de diferenças geográficas/regionais); diastratia, ou variações diastráticas (em função de estratos sociais); diafasia, ou variações diafásicas (em função da situação em que se encontram os interlocutores, variando em níveis de formalidade); diacronia, ou variações diacrônicas (decorrente do prefixo *dia-* + *-kronos*, que quer dizer “tempo”, ou seja, a variação temporal); e

a diamesia, ou variações diamésicas (relacionadas à variação entre fala e escrita). Certos autores, ainda, como Pagotto (2001), consideram outras formas de variação, como a variação diageracional, por exemplo, que é estritamente condicionada pela faixa etária de seus falantes.

Pelo âmbito do presente trabalho abarcar as esferas diatópica e diacrônica da variação linguística, estas serão também brevemente tratadas nas subseções a seguir, para que seja, por fim, possível dar prosseguimento às seções posteriores da pesquisa, a começar pela metodologia utilizada para obtenção dos dados necessários, que por sua vez serão analisados sob a luz dos conceitos aqui definidos.

2.2.1. Diatopia

A variação regional, também conhecida como variação geográfica, ou ainda variação diatópica, “é responsável por podermos identificar, na maior parte das vezes, com um nível alto de precisão, a origem de uma pessoa pelo modo como ela fala” (COELHO et al., 2015, p. 38). Para a autora, o aparato teórico-metodológico da Sociolinguística nos equipa para que possamos compreender as marcas linguísticas que caracterizam a fala de uma região em relação à de outra. Em geral, itens lexicais particulares, padrões entonacionais e traços fonológicos respondem pelo fato de que falantes de localidades diferentes apresentem dialetos (ou seja, variantes) diferentes de uma mesma língua.

A variação regional poderia, portanto, ser estudada ao se oporem diferentes tipos de unidades espaciais: pode-se dizer que existe variação regional entre diferentes países, entre diferentes regiões de um mesmo país, entre dois estados de uma mesma região, entre diferentes cidades de um mesmo estado, e até mesmo entre dois bairros de uma mesma cidade. Também é comum que variações regionais entre zonas urbanas e rurais sejam analisadas.

Esse tipo de variação pode ser também associado, em certos casos, à etnia colonizadora de uma comunidade. Isso ocorre porque a língua do povo colonizador acaba influenciando a língua da região colonizada, como é, por exemplo, o caso do Inglês Britânico e do Inglês Estadunidense, ao considerarmos os fatores geo-históricos que conectam ambos os países nas quais essas variantes, objetos do presente estudo, são faladas.

2.2.2. Diacronia

As variações históricas por sua vez, também chamadas de variações diacrônicas, são variações que ocorrem de acordo com as diferentes épocas vividas pelos falantes, sendo possível distinguir o inglês antigo, por exemplo, do inglês contemporâneo, devido a diversas palavras e expressões que passaram a ser usadas, mudaram de sentido, ou que caíram em desuso. Sendo assim, esse tipo de variação trata dos diferentes estágios pelos quais qualquer língua passa no decorrer do tempo.

As mudanças comuns a esse processo nunca são bruscas, havendo geralmente um período de transição entre um momento e o outro. Elas podem ocorrer fonologicamente, com alterações de sons e pronúncias; na flexão e na derivação de termos; nos padrões de estruturação sintática da frase; no nível dos significados e também pela introdução de novas palavras. Esse último fator pode ocorrer através dos fenômenos conhecidos como neologismos, que consistem em “uma palavra ou expressão nova, criada para designar um novo conceito ou objeto, ou na ressignificação de termos já conhecidos” (ALVES, 1996, p. 12); ou de estrangeirismos, que consistem no emprego de palavras, expressões e construções alheias ao idioma tomadas por empréstimos de outra língua, “incorporados por meio de um processo natural de assimilação de cultura ou ainda por conta da proximidade geográfica, se

tratando assim de um processo orgânico, isto é, que acontece de maneira espontânea” (PRADO, 2015, p. 28).

Os fatores aos quais se atribui essa variação, segundo Alves (1996), podem ser internos à língua, pelo desaparecimento de oposições que não se revelem funcionais; pela prevalência do princípio biológico da economia, que tende a eliminar redundâncias; pela introdução de novos elementos com a função de tornarem a comunicação clara/não ambígua; e externos à língua, relativos a mudanças políticas e sociais, por exemplo (p. 15).

Com a delimitação e compreensão dos conceitos supracitados, que aqui abarcaram noções inerentes tanto à área da Variação e Mudança Linguística quanto ao campo da Fraseologia, torna-se possível, enfim, dar seguimento à pesquisa, a começar pela metodologia utilizada para atingir os objetivos propostos, descrita na próxima seção, seguida da análise dos dados através dela obtidos com a ajuda dos aspectos pertinentes abordados nesta Revisão Teórica.

3. Metodologia

Como foi ressaltado na Introdução (Seção 1.2.), a metodologia para seleção e tratamento dos dados desta pesquisa engloba o *corpus* fraseológico desenvolvido na pesquisa prévia de Freitas (2020) (Seção 3.1.) em conjunto com as UFs encontradas pelo código utilizado (Seção 3.2.). Para que as ocorrências encontradas pudessem ser comparadas sob as perspectivas diacrônica e diatópica, o *corpus* fraseológico atualizado (Seção 3.4.) foi comparado com os *corpora online* de inglês britânico e estadunidense dos séculos XIX e XXI (Seção 3.3.). Tais etapas serão detalhadas nas seções a seguir.

3.1. Obras selecionadas

As obras da literatura inglesa do século XIX utilizadas na pesquisa de Freitas (2020) para que o *corpus* fraseológico de sua pesquisa fosse construído foram *Dracula*, romance de terror gótico lançado em 1897, escrito pelo autor irlandês Bram Stoker; *Frankenstein, or the Modern Prometheus*, em português *Frankenstein ou o Prometeu Moderno*, conhecido simplesmente por *Frankenstein*, obra inspirada no movimento romântico, de autoria da escritora inglesa Mary Wollstonecraft Shelley, escrito em 1818; *Strange Case of Dr Jekyll and Mr Hyde*, em português *O Médico e o Monstro*, uma novela gótica com elementos de ficção científica e terror, escrita pelo autor escocês Robert Louis Stevenson e publicada originalmente em 1886; e *Wuthering Heights*, em português *O Morro dos Ventos Uivantes*, *O Monte dos Vendavais*, ou ainda *Colina dos Vendavais*, lançado em 1847, único romance da escritora britânica Emily Brontë.

Como mencionado anteriormente, por tal seleção ter sido feita manualmente e as obras juntas totalizarem um número significativo de páginas, apenas uma quantidade seleta de

EIs havia sido escolhida. Para a expansão do *corpus* inicial, com o objetivo de aprofundar e aumentar a representatividade da presente pesquisa, novas UFs deveriam ser adicionadas ao atual *corpus*, e para tal, um código em Python foi criado por Lima (2021). Sua descrição pode ser encontrada na seção a seguir.

3.2. Código utilizado

Para amplificação do *corpus* inicial supracitado, a busca aprofundada das UFs nas obras escolhidas se tornou um fator necessário, e portanto um código foi criado através do Google Colab (Apêndice D), na linguagem de programação *Python*, por Lima³ (2021), com o objetivo de separar e numerar as unidades fraseológicas nas obras escolhidas.

O código executa as seguintes funções:

- Encontrar as expressões idiomáticas selecionadas do livro *Idioms and Expressions: a method for learning and remembering idioms and expressions*, de David Holmes, 2013, nas obras *Dracula*, *Strange case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, *Frankenstein, or the Modern Prometheus*, e *Wuthering Heights*;

- Identificar e destacar os trechos em que essas expressões são utilizadas em cada obra (selecionando dez palavras antes e dez palavras depois do trecho em que cada unidade fraseológica está presente, com o objetivo de contextualizar a ocorrência);

- Numerar a quantidade de ocorrências totais por livro;

- Numerar, em cada obra, quantas vezes cada expressão ocorreu;

- Somar a quantidade de vezes que uma mesma expressão se repetiu por exemplar;

- Mostrar, das EIs selecionadas, quais ocorrem em mais de uma obra;

- Mostrar o número total de usos de cada expressão somando a quantidade de suas

ocorrências em todos os livros juntos.

³ Estudante de graduação de Ciências da Computação na Universidade Federal de Lavras (UFLA).

A partir disso, foi possível aumentar o *corpus* inicial, que também deverá ser ampliado no sentido cronológico — nesta etapa, as expressões foram somente identificadas em uso no século XIX, e as obras foram aqui usadas como referência para quais UFs atuais seriam encontradas também no passado. Para que sua frequência de uso seja averiguada numa relação comparativa entre os séculos XIX e XXI, como visa o atual trabalho, *corpora* de língua inglesa de ambos os períodos de tempo seriam também necessários. Estes serão detalhados a seguir.

3.3. *Corpora* escolhidos

No âmbito diacrônico, os *corpora Corpus of Historical English* (COHA - <https://www.english-corpora.org/coha/>) — o maior *corpus* estruturado de inglês histórico, contendo 475,031,831 milhões de palavras em mais de 100.000 textos individuais do inglês americano, ou estadunidense, datados do século XIX (entre 1810-1899) — e *Hansard British Corpus* (HANSARD - <https://www.english-corpora.org/hansard/>) — que contém quase todos os discursos proferidos no Parlamento Britânico a partir de 1803, contendo cerca de 1,6 bilhão de palavras no total — foram utilizados para encontrar a frequência de uso das EIs selecionadas, representando o inglês do século XIX.

Por sua vez, os mesmos foram comparados com os *corpora Corpus of Contemporary English* (COCA - <https://www.english-corpora.org/coca/>) — constituído de 1,001,610,938 bilhão de palavras do inglês americano contemporâneo, criado por Mark Davies, professor aposentado de Linguística de *Corpus* na Universidade Brigham Young — e *British National Corpus* (BNC - <https://www.english-corpora.org/bnc/>) — composto de textos, com 96,263,399 milhões de palavras com amostras de inglês britânico escrito e falado de várias

fontes —, também em relação a frequência de uso das UFs previamente encontradas, porém representando, aqui, o inglês do século XXI.

Já no que diz respeito ao âmbito da comparação diatópica, os mesmos *corpora* foram separados, por sua vez, por variante: as EIs foram contrastadas entre o *Corpus of Historical English* e o *Corpus of Contemporary English*, que contêm apenas amostras do inglês estadunidense, e o *Hansard British Corpus* e o *British National Corpus*, que abarcam somente textos do inglês britânico.

Essa metodologia possibilitou que as ocorrências de UFs nesses *corpora* fossem comparadas de três maneiras diferentes:

1. inicialmente entre dois grupos, de forma diacrônica (nos dois *corpora* com excertos do século XIX em contraste com as EIs dos dois *corpora* com textos do século XXI);
2. novamente entre dois grupos, mas dessa vez sob o viés diatópico (nos dois *corpora* constituídos por publicações na variante estadunidense, em oposição às UFs dos dois *corpora* formados por obras britânicas); e por fim
3. nos quatro *corpora* entre si, sobrepondo os resultados obtidos nos dois momentos supracitados, de forma a identificar a diferença de uso das expressões entre: o inglês estadunidense do século XIX, o inglês estadunidense do século XXI, o inglês britânico do século XIX, e o inglês britânico do século XXI.

Tais UFs, selecionadas com ajuda do *corpus* de obras literárias de Freitas (2020) e do código de Lima (2021), posteriormente identificadas e destacadas dos *corpora* acima, serão descritas na seção a seguir.

3.4. Descrição das expressões

As expressões supracitadas, extraídas do livro *Idioms and Expressions: a method for learning and remembering idioms and expressions*, de David Holmes (2013), tiveram suas definições identificadas no dicionário *The American Heritage: Dictionary of Idioms*, de Christine Ammer, 2013. A seguir, as explicações das mesmas, a serem analisadas comparativamente na presente pesquisa, podem ser encontradas, juntamente com exemplos de suas ocorrências retiradas dos *corpora* escolhidos⁴. No total, 33 unidades fraseológicas foram selecionadas:

1. *A tooth for a tooth* - a ideia de que as pessoas devem ser punidas de acordo com a forma como ofenderam: “*There is now a blood feud; a life for a life, a tooth for a tooth.*” (Colonial Office, 1836, Douglas Clifton Brown) - Há agora uma rixa de sangue; vida por vida, dente por dente.

2. *An eye for an eye* - o conceito de que uma pessoa que faz outra pessoa sofrer deve sofrer em igual medida: “*You know what's happened, don't you? It's been killed by that old mad woman. An eye for an eye. A cat for a cat.*” (Good Housekeeping, 1994) - Você sabe o que aconteceu, não sabe? Ele foi morto por aquela velha mulher louca. Olho por olho. Gato por Gato.

3. *Body and soul* - completamente: “*Do thou thy work, in constancy, and love, and I am thine, thine! body and soul, forever and ever!*” (Logan: A Family History, Volume 1, 1822, John Neal) - Faça o teu trabalho, em constância, e amor, e eu sou teu, teu! de corpo e alma, para todo o sempre!

4. *Call on the carpet* - reprimir alguém severamente: “*I could guess that someone was goin' to get a call on the carpet before very long.*” (Torchy As A Pa, 1920, Sewell Ford) - Eu poderia adivinhar que alguém receberia uma dura reprimenda em pouco tempo.

⁴ Todas as traduções das ocorrências exemplificadas são de autoria própria.

5. *Cold shoulder* - demonstraco de hostilidade intencional: “*What will they say to me when I come back home? Will they give me the cold shoulder? Will they ostracize me? What will it be like?*” (Sermon, 1989, Albert Gunter) - O que vo me dizer quando eu voltar para casa? Iro me ignorar? Iro me ostracizar? Como será?

6. *Day and night* - sem parar: “*By marching day and night, he arrived at Amy's mill, on Drowning creek; whence he detached Maj. James, with a small party of volunteers, back to South Carolina, to gain intelligence, and to rouse the militia.*” (A Sketch of the life of Brig. Gen. Francis Marion and a history of his brigade, 1821, William Dobein James) - Marchando dia e noite, ele chegou ao moinho de Amy, no riacho Drowning; de onde ele destacou o major James, com um pequeno grupo de voluntários, de volta  Carolina do Sul, para obter informaçoes e despertar a milícia.

7. *Dog in the manger* - uma pessoa que não tem necessidade ou capacidade de usar um bem que seria de uso ou valor para outros, mas que impede os mesmos de t-lo: “*But still he did not wish, like the dog in the manger, to stand in the way of the education of others, because he himself had been refused assistance.*” (Government Plan of Education, 1847, House of Commons) - Mas ainda assim ele não desejava, como um cachorro na manjedoura, atrapalhar a educao dos outros, porque a ele mesmo haviam recusado ajuda.

8. *Equal to the task* - ter a habilidade, talento, qualidades ou capacidade necessários para lidar com uma determinada situao ou realizar um papel específico: “*And we must show them and all our people that we are equal to the task before us.*” (Remarks of President Barack Obama, 2012, White House) - E devemos mostrar a eles e a todo o nosso povo que estamos  altura da tarefa diante de nós.

9. *Flesh and blood* - humano: “*We read of such things, and talked of them; but, somehow or other, it never entered our head, that they who did such feats as we were told of, were flesh and blood, like ourselves.*” (Seventy-six, Volume 1, 1823, John Neal) - Nós lemos

sobre essas coisas e falamos sobre elas; mas, de uma forma ou de outra, nunca passou pela nossa cabeça que aqueles que fizeram tais proezas, como nos contaram, eram de carne e osso, como nós.

10. *Have a pink fit* - ficar extremamente zangado: “*If your mother catches you smoking, she’ll have a pink fit.*” (Having a pink fit, 2018, Alien Dictionary) - Se a sua mãe te pegar fumando, ela vai ter um ataque.

11. *Kid gloves* - tratamento cuidadoso e/ou delicado de uma situação: “*I understand, but we have no hope of defeating the bastard if we have to keep treating him with kid gloves.*” (To the Night Children, 2019, Shadowhunters) - Eu compreendo, no entanto não temos esperanças de derrotar o bastardo se tivermos que continuar tratando-o com luvas de pelica.

12. *Lift a finger* - fazer o mínimo esforço para realizar algo: “*She didn’t in fact even have to lift a finger because the man or her servants would do all this for her.*” (Lecture on Victorian Fashion, 1994) - Na verdade, ela não precisava levantar sequer um dedo porque o homem ou seus servos fariam tudo por ela.

13. *Line of least resistance* - o que é mais fácil e/ou mais simples: “*He has nearly always worked along the line of least resistance; he leaves to other men the disagreeable work of initiating new movements.*” (William Ewart Gladstone, 1890, New England Magazine) - Ele quase sempre trabalhou na linha de menor resistência; ele deixa para outros homens o trabalho desagradável de iniciar novos movimentos.

14. *No stone unturned* - fazer todos os esforços possíveis para encontrar algo ou alguém: “*I am going to leave no stone unturned - I intend to delve deeply into the numerous stains I have left on the tapestry of life.*” (Today, 1994) - Não vou deixar pedra sobre pedra - pretendo mergulhar profundamente nas inúmeras manchas que deixei na tapeçaria da vida.

15. *Old hand* - uma pessoa com bastante experiência em uma área: “*If under the circumstances described, he was able to make out a good case, he must be an old hand, an*

ancient practitioner.” (Counsel for Prisoners, 1835, Horace Twiss) - Se, sob as circunstâncias descritas, ele foi capaz de fazer um bom caso, ele deve ser um veterano, um antigo praticante.

16. *Old hat* - algo desinteressante, entediante e/ou chato: “*While a lot of this might be old hat to some of you, it's a good chance to review the habits and patterns behind one of the most powerful tools in the shed.*” (Building a Smarter To-Do List, Part I, 2012, 43 Folders) - Embora muito disso possa ser velho e chato para alguns de vocês, é uma boa chance de rever os hábitos e padrões por trás de uma das ferramentas mais poderosas do galpão.

17. *Old school* - antiquado, tradicional: “*Their manners are extremely agreeable, resembling the more polished of our country gentlemen, and are formed on the model of what in England we call the old school.*” (Hodgson's Remarks on America, 1824, North American Review) - Suas maneiras são extremamente agradáveis, assemelhando-se aos mais educados cavalheiros do nosso país, e são formadas no modelo que na Inglaterra chamamos de ‘velha escola’.

18. *Out of sorts* - ligeiramente indisposto: “*The time is coming when people get discontented, when they feel out of sorts, and that is the very time when we are going to have unrest in the country.*” (Second Schedule, 1920, Thomas Griffiths) - Está chegando o momento em que as pessoas ficam descontentes, quando se sentem mal, e é exatamente nessa hora que teremos distúrbios pelo país.

19. *Over my head* - além da capacidade de compreensão de uma pessoa: “*Your posts go over my head b/c your brain is 11% to 12% larger than mine.*” (Neely Steinberg loves you, as long as you don't love yourself, 2012, Paul Elam) - Suas postagens estão além de minha compreensão porque o seu cérebro é por volta de onze a doze por cento maior do que o meu.

20. *Over the hill* - alguém velho e que passou do pico de sua juventude: “*Liberalism, aka Progressivism, is over 150 years old, and way over the hill - policy residue from the early nasty years of the early Industrial Revolution.*” (Best Essays of the Year, 2012, Maggie’s

Farm) - O liberalismo, também conhecido como Progressismo, tem mais de 150 anos e está muito além de seu ápice - resíduo da política dos primeiros anos desagradáveis da Revolução Industrial.

21. *Over the moon* - extremamente feliz: “*If I found it - well, I'd be over the moon. I might go wild, do a dance, fling a ten pound note at the kind person who found it.*” (Gate-crashing the dream party, 1990, Alison Leonard) - Se eu o encontrasse, bem, eu estaria extremamente contente. Eu poderia enlouquecer, dançar, gritar e jogar uma nota de dez libras na pessoa gentil que o encontrou.

22. *Own flesh and blood* - parentes, relação de parentesco: “*You see, Mr. Arthur, you must not think strange of my calling you so, sir, for all your family seem like my own flesh and blood to me.*” (The Partisan Leader: A Tale of the Future, Volume 2, 1836, Nathaniel Tucker) - Veja, Sr. Arthur, você não deve achar estranho que eu o chame assim, senhor, pois toda a sua família parece a minha própria para mim.

23. *Raise a hand* - bater ou causar mal: “*Oh God, the shame of it. To raise a hand against an officer. To start a mutiny in His Majesty's Navy...*” (The bright face of danger, 1986, Margery Fisher) - Oh Deus, que vergonha. Levantar a mão contra um oficial. Para iniciar um motim na Marinha de Sua Majestade...

24. *Read between the lines* - compreender algo que não é dito de forma direta: “*He read between the lines, and comprehended the hidden meaning at once.*” (Harriet, the Moses of Her People, 1869, Sarah Hopkins Bradford) - Ele leu nas entrelinhas e compreendeu o significado oculto de uma só vez.

25. *Red herring* - uma pista com o objetivo de ser enganosa: “*You are a perfect red herring, she said. Let them police you.*” (Sergeant Joe, 1992, Mary Jane Staples) - Você é a pista falsa perfeita, disse ela. Deixe que te investiguem.

26. *Ring a bell* - soar familiar, reconhecível: “‘Ever heard of the name McCloy, Mr Bardsley?’ ‘It doesn't ring a bell,’ said Bardsley, and Burden believed him.” (The best man to die, 1981, Ruth Rendell) - ‘Já ouviu falar do nome McCloy, Sr. Bardsley?’ ‘Não soa familiar’, disse Bardsley, e Burden acreditou nele.

27. *Sheepskin* - um diploma: “*Most of this I rather suspicion mought be learned in York without a regular sheepskin.*” (The Kentuckian in New York; or, The Adventures of Three Southerns. By a Virginian; Volume 2, 1834, William Alexander Caruthers) - Suspeito que a maior parte disso possa ser aprendida em York sem um diploma normal.

28. *Silver lining* - uma perspectiva consoladora e/ou de esperança: “*There is no silver lining from this election year, and its loss can not be overstated.*” (It Was A Very Nice Country We Had Once, 2012, Common Sense Politics) - Não há nenhum lado positivo neste ano eleitoral, e não há como seu prejuízo ser falado em exagero.

29. *Silver spoon* - riqueza, fortuna, possuir bens materiais: “*Born with a silver spoon in his mouth, as they say, his worries were on a much higher financial plane than those of us who worried about making the pay packet last to the end of the month.*” (In all directions, 1986, Roy Dunlop) - Nascido em berço de ouro, como se costuma dizer, suas preocupações estavam em um plano financeiro muito mais alto do que aqueles de nós que se preocupavam em fazer o pagamento durar até o fim do mês.

30. *Slate clean* - esquecer de todas as coisas ruins que aconteceram previamente e começar de novo: “*I'm here to offer you both one last chance to wipe the slate clean.*” (The Pack, 2015, Nick Robertson) - Estou aqui para oferecer a vocês uma última chance de um novo começo.

31. *To a T* - à perfeição: “*Well, maybe he did, but he had the innocent act down to a T.*” (Because Everyone Loves a Bit of Skirt, 2012, Camunki) - Bom, talvez ele tenha feito, mas ele agiu inocentemente de forma perfeita.

32. *Will of the wisp* - uma pessoa ou coisa que é impossível de encontrar ou alcançar: “*I venture to think that they will find that this Measure will be a delusive Measure, a mirage, a will of the wisp; that it means holding out promises that are never really going to be fulfilled.*” (Clause 27, 1830, Eleanor Rathbone) - Arrisco-me a pensar que eles descobrirão que esta Medida será uma Medida ilusória, uma miragem, um sonho impossível, que significa manter promessas que nunca serão realmente cumpridas.

33. *Wolf in sheep's clothing* - uma pessoa que disfarça uma natureza implacável e má através de uma demonstração externa de inocência e bondade: “*There is some individual in this colony, a wolf in sheep 's clothing, who is doing incalculable mischief to the cause of truth and the interest of the community.*” (Condemnation of Missionary Smith, 1824, Charles Sutton) - Há um indivíduo nesta colônia, um lobo em pele de cordeiro, que está fazendo um mal incalculável à causa da verdade e ao interesse da comunidade.

Por fim, torna-se possível prosseguir para a descrição dos dados obtidos, detalhada na seção a seguir.

4. Descrição dos dados

Seguem, nas seções seguintes, para fins de análise comparativa e quantitativa, tabelas com os devidos dados encontrados em relação à frequência das ocorrências das EIs selecionadas, inicialmente entre as obras escolhidas e posteriormente entre os *corpora* analisados. Por razões didáticas, tais tabelas foram condensadas, e é possível encontrar suas respectivas versões com maior detalhamento nos Apêndices A, B e C.

4.1. Descrição comparativa entre as obras

Ao se comparar as EIs das quatro obras em questão, chegou-se aos dados descritos na tabela abaixo. O número da esquerda, na linha de ocorrências das UFs, trata da quantidade de expressões idiomáticas, das 33 selecionadas, que ocorreram em cada livro; já o número da direita representa a soma de todas as ocorrências das fraseologias encontradas ao longo de cada exemplar. Em suma, das 33 UFs selecionadas para análise, 17 estão presentes em *Dracula*, sem nenhuma repetição, totalizando 26 ocorrências com repetições; 7 em *Frankenstein, or the Modern Prometheus*, sendo 9 ocorrências; 7 em *Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, apresentando 10 ocorrências; e 20 em *Wuthering Heights*, somando 29 ocorrências. As porcentagens são a proporção entre o número de EIs e o total de palavras por obra, e o Total, na linha inferior, refere-se a todas as palavras que compõem cada um dos textos em análise:

Tabela 1 - Número de ocorrências das UFs nas obras

Obras	<i>Dracula</i>		<i>Frankenstein, or the Modern Prometheus</i>		<i>Strange Case of Dr Jekyll and Mr Hyde</i>		<i>Wuthering Heights</i>		Total	
	N.	%	N.	%	N.	%	N.	%	N.	%
UFs	17/26	0.016	7/9	0.011	7/10	0.038	20/29	0.025	51/74	0.090
Total	160.576		75.003		25.706		115.969		377.254	

Fonte: Autora

Considerando que, respectivamente, as obras têm 160.576, 75.003, 25.706 e 115.969 palavras, no total, as ocorrências de EIs nestas equivalem a 0.016%, 0.011%, 0.038% e 0.025%. A descrição detalhada destes dados pode ser encontrada no Apêndice A, que separa a quantidade de ocorrências por EIs e por obras, bem como delinea sua frequência de uso em relação ao número de palavras total de cada livro. Já a descrição dos dados obtidos por *corpus* pode ser encontrada a seguir.

4.2. Descrição comparativa entre os *corpora*

A tabela a seguir delimita, em colunas, as UFs selecionadas e as ocorrências das mesmas em cada um dos *corpora* analisados. Assim como na tabela anterior, as porcentagens equivalem à proporção entre o número de EIs encontradas e o total de palavras, dessa vez por *corpus*, e o Total, na linha inferior, refere-se a todas as palavras que compõem cada um dos *corpora* utilizados:

Tabela 2 - Número de ocorrências das EIs nos *corpora*

<i>Corpus</i>	COHA		COCA		HANSARD		BNC		Total	
	N.	%	N.	%	N.	%	N.	%	N.	%
UFs	10698	0.0022	19796	0.0019	11010	0.0006	1646	0.0114	43150	0.0161
Total	475.031.831		1.001.610.938		1.600.000.000		96.263.399		3.172.906.168	

Fonte: Autora

O total de ocorrências nos *corpora* analisados em relação às UFs selecionadas totaliza: COHA - 10.698, COCA - 19.796, HANSARD - 11.010, BNC - 1.646. Considerando que os mesmos *corpora* têm, respectivamente, 475.031.831, 1.001.610.938, 1.600.000.000 e 96.263.399 palavras, temos que a média de frequência de ocorrência de EIs é aproximadamente 0.0022%, 0.0019%, 0.0006% e 0.0114%. Juntas, essas porcentagens equivalem à média de 0.0040% de ocorrência por *corpus*. Uma descrição aprofundada dessas informações pode ser encontrada no Apêndice B, que separa a quantidade de ocorrências por UFs e por *corpus*, bem como delinea sua frequência de uso em relação ao número de palavras de cada um.

4.3. Descrição comparativa entre as obras e os *corpora*

Considerando que as porcentagens de ocorrências das EIs selecionadas das obras *Dracula*, *Frankenstein, or the Modern Prometheus*, *Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* e *Wuthering Heights* totalizam, respectivamente, 0.0160%, 0.0110%, 0.0380% e 0.0250%, a frequência média dessas UFs nas mesmas representa 0.0225%. Nos livros, foram localizadas 26, 9, 7 e 10 ocorrências das expressões idiomáticas selecionadas, e as obras totalizam, respectivamente, 160576, 75003, 25706 e 115969 palavras. Portanto, é possível encontrar uma média de 13 UFs por exemplar, em relação ao número médio de 94.313 palavras por

obra. Sendo assim, a média de recorrência das mesmas por livro equivale a aproximadamente 0.014%.

Já no caso dos *corpora* analisados, COHA, COCA, HANSARD e BNC, as ocorrências de EIs totalizam respectivamente 0.0022%, 0.0019%, 0.0006% e 0.0114%. Tanto os *corpora* do inglês estadunidense quanto o *corpus* histórico britânico HANSARD apresentam um número discrepantemente baixo em relação à frequência de ocorrência das UFs nas obras. O *corpus* contemporâneo britânico BNC, por sua vez, apresenta um número de 4 a 5 vezes maior que os resultados obtidos em relação aos outros *corpora*, se aproximando mais da média de frequência das fraseologias encontrada nas obras.

No caso da frequência média das UFs nos mesmos *corpora*, esta totalizou 0.0040% em relação a seu número médio de palavras, 793.226.542. Isso equivale a 31.928 expressões idiomáticas em média por *corpus*, ou seja, uma porcentagem de 0.0010% em comparação ao total de palavras de todos. Esse dado indica que a frequência das EIs é 14 vezes maior nas obras analisadas do que nos *corpora* selecionados ($0.0010\% \times 14 = 0.014\dots\%$), indicando uma concentração significativamente maior de UFs na literatura do que no uso cotidiano dos falantes do inglês britânico e estadunidense, tanto do século XIX quanto do século XXI, com exceção da variante atual britânica.

Com a explicitação dos dados acima descritos, torna-se possível, por fim, avaliar o que estes representam dentro do âmbito linguístico da presente pesquisa. Tal discussão será desenvolvida no capítulo a seguir.

5. Resultados

Esta seção visa, de forma objetiva, sintetizar os resultados obtidos e, doravante, explicar o que tais dados implicam quando avaliados sob a luz da teoria de Variação e Mudança Linguística, inicialmente sob o viés diacrônico, seguido pelo âmbito diatópico, e por fim uma análise que correlaciona ambos.

5.1. Análise diacrônica

Na perspectiva diacrônica, a discrepância numérica maior está presente entre os *corpora* HANSARD e BNC: das EIs encontradas nestes, 9 eram utilizadas com mais frequência no século XIX, enquanto que 24 são mais comuns no século XXI. No caso dos *corpora* COHA e COCA, os mesmos variaram pouco no viés diacrônico e mantiveram seus números equilibrados: das 33 UFs totais, 18 eram mais recorrentes no século XIX, enquanto que as outras 15 são mais frequentes no século XXI, como se pode ver na tabela abaixo:

Tabela 3 - Comparação das frequências de uso das EIs entre os *corpora*

Século	<i>Corpus</i>	N.	%
XIX	HANSARD	9	27
	COHA	24	73
Total		33	100
XXI	BNC	18	55
	COCA	15	45
Total		33	100

Fonte: Autora

Desconsiderando a distinção regional entre a variante britânica e a estadunidense, tem-se que 15 UFs, das 33 analisadas, ocorriam com mais frequência no século XIX, e que 18 ocorrem com mais frequência no século XXI, como descrito na tabela a seguir:

Tabela 4 - Comparação das frequências de uso das UFs entre o século XIX e XXI

UFs / Século	N.	%
Mais frequentes no séc. XIX	15	45
Mais frequentes no séc. XXI	18	55
Total	33	100

Fonte: Autora

Uma descrição mais precisa que separa as informações encontradas por *corpus* pode ser encontrada no Apêndice B. Faz-se pertinente notar que a variação diacrônica aqui demonstrada representa, de fato, diferenças pouco visíveis, como inicialmente foi proposto na hipótese da pesquisa. A análise aprofundada desse fato, no entanto, indica resultados diversos, como será demonstrado na seção 5.3.

5.2. Análise diatópica

Sob o viés da diatopia, ou variação regional, vê-se que, dentre as 33 UFs analisadas, 27 (82%) foram encontradas nos *corpora* estadunidenses, enquanto que 26 (79%) estão presentes nos *corpora* britânicos. No entanto, destas EIs, 27 (82%) são mais frequentes no inglês americano, enquanto que apenas 6 (18%) são mais recorrentes no inglês britânico, indicando uma preferência significativa de uso dessas unidades fraseológicas pelos falantes do inglês estadunidense, mesmo que estas tenham sido originalmente retiradas de obras de autores do Reino Unido. Tais dados podem ser vistos na tabela a seguir:

Tabela 5 - Comparação entre as EIs do inglês estadunidense e britânico

EIs / Variantes	N.	%
Mais frequentes no inglês estadunidense	27	82
Mais frequentes no inglês britânico	6	18
Total	33	100

Fonte: Autora

A descrição aprofundada dos dados acima também pode ser encontrada no Apêndice B, que une e compara os dados encontrados nos *corpora* selecionados. A discrepância visível do uso das EIs entre as variantes britânica e estadunidense demonstra que o viés da diatopia ofereceu dados mais produtivos para a pesquisa quando contrastado ao viés diacrônico, como descrito na seção a seguir.

5.3. Relação entre os vieses diacrônico e diatópico

Através dos dados obtidos, foi possível identificar as variações mais marcantes em relação a cada viés analisado: no âmbito diacrônico, viu-se que as EIs passaram a ser utilizadas com mais frequência no século XXI; no âmbito diatópico, observou-se que essas UFs são encontradas com muito mais frequência no inglês americano. Ao analisar as duas perspectivas em conjunto, no entanto, é possível notar que a variante britânica foi a que mais sofreu variação entre os séculos XIX e XXI: neste intervalo de tempo, a ocorrência de EIs entre os *corpora* HANSARD e BNC mais do que dobrou: enquanto apenas 9 podem ser encontradas no uso do século XIX, 24 são encontradas no século XXI, o que demonstra o aumento significativo da utilização das EIs pelos falantes dessa variante.

O inglês estadunidense, quando analisado sob a mesma perspectiva, demonstra resultados menos discrepantes: a variação entre os dados do COCA e do COHA foi diminuta, com uma diferença de 3 UFs aquém do *corpus* do século XXI em relação ao século XIX,

como pode ser visto na tabela a seguir, que comporta os mesmos dados da tabela 3, porém sem a distinção por *corpus*:

Tabela 6 - Relação entre o aspecto diatópico e o diacrônico das UFs analisadas

Século / Variante	XIX		XXI		Total (%)	
	N.	%	N.	%	N.	%
Estadunidense	18	55	15	45	33	100
Britânica	9	27	24	73	33	100

Fonte: Autora

Uma análise que contrasta todos os dados obtidos está descrita no Apêndice C, que separa, respectivamente: (i) as expressões mais utilizadas no século XIX em contraste com o século XXI (somando as médias das variantes britânica e estadunidense); (ii) as mais frequentes no inglês britânico em oposição ao inglês estadunidense (somando as médias dos séculos XIX e XXI); (iii) as expressões, por sua vez, mais recorrentes no inglês americano do século XIX e no inglês americano do século XXI; e (iv) e, por fim, as mais utilizadas no inglês britânico do século XIX e no inglês britânico do século XXI. Passemos às conclusões.

6. Conclusões

No que concerne a perspectiva fraseológica, sob o viés diatópico, a pesquisa indicou que entre o inglês americano e o inglês britânico, as EIs da amostra trabalhada ocorrem com mais frequência no primeiro, enquanto que, sob o viés diacrônico, a mudança mais significativa ocorreu no segundo: em dois séculos, o número de unidades fraseológicas encontradas em *corpora* britânicos quase dobrou em termos de recorrência. Isso mostra que, mesmo que as expressões idiomáticas tenham sido selecionadas de obras de autores do Reino Unido da época, sua tendência de utilização é muito mais frequente nos dias atuais do que era no século em que foram escritas.

Já no âmbito do inglês americano, mesmo que bastante frequente, o uso das unidades fraseológicas estudadas diminuiu com o passar do tempo. Esse contraste entre os resultados das variantes reforça os fatores de frequência e convencionalidade tratados nos capítulos anteriores, bem como o de idiomaticidade, por estarem tão intrinsecamente relacionados aos aspectos que regem as línguas e as influenciam constantemente, conforme nos diz Labov (2001). Mesmo se tratando, tecnicamente, de um mesmo idioma, as variantes têm padrões de uso diferentes devido às escolhas de uso de seus falantes.

A comparação entre as obras e os *corpora* inicialmente feita também permitiu estabelecer que a recorrência de uso das UFs é extremamente mais alta na literatura de língua inglesa do que na língua inglesa falada e escrita em si, a que realmente é utilizada pelos falantes. Isso pode ser aprofundado em pesquisas posteriores, inclusive no âmbito dos Estudos Literários.

Os dados das conclusões obtidas podem ser condensados da seguinte forma: sob a perspectiva diatópica, as EIs são 81% mais frequentes no inglês estadunidense e apenas 19% no inglês britânico; na perspectiva diacrônica, por sua vez, 45% das UFs eram mais utilizadas

no século XIX, em contraste com 55% no século XXI. No que diz respeito à relação comparativa entre as obras e os *corpora*, viu-se que a frequência das EIs é 14 vezes maior nas obras analisadas do que nos *corpora* selecionados, indicando uma concentração significativamente maior de UFs na literatura do que no uso cotidiano dos falantes do inglês.

A constatação de tais fatos, bem como o aprofundamento da pesquisa na área da Fraseologia, demonstra que muito ainda pode ser investigado nessa área — e não apenas no que diz respeito às EIs, aqui consideradas UFs, mas também a locuções como um todo. Sendo um fenômeno tão comum e tão passível de influências semióticas constantes, é importante que trabalhem para delinear-lo e compreendê-lo o máximo possível, pois os estudos dos diferentes tipos de ocorrências linguísticas e seus funcionamentos abrangem não só as formas e significados contidos nos idiomas, através dos quais conseguimos expressar ideias e vontades, mas também as relações interpessoais em seu cerne, pois, sem comunicação, muito pouco se faz nas sociedades humanas.

7. Considerações Finais

Através da pesquisa elaborada, com o estudo e síntese das características principais das UFs — polilexicalidade, frequência, convencionalidade, fixação, idiomaticidade e opacidade — e o funcionamento das fraseologias na língua inglesa, foi possível a realização do aprofundamento na principal proposta do trabalho: avaliar como as EIs se comportam quando analisadas sob os vieses diacrônico e diatópico abarcados pela área da Variação e Mudança Linguística. Abre-se espaço, portanto, para pesquisas posteriores, visto que a amostra aqui utilizada englobou uma pequena parte do que se há para analisar na área da Fraseologia: dois séculos, apenas, de comparação entre as variantes do inglês estadunidense e britânico.

Com a ajuda metodológica do uso de *corpora*, foi possível também atingir os objetivos específicos deste trabalho — delinear a frequência de uso das EIs sob o viés da diacronia, delinear a recorrência de uso das UFs sob o viés da diatopia, e averiguar se há padrões nas mudanças de frequência dessas locuções —, tanto através do código de Lima (2021), utilizado para identificar, destacar, categorizar e numerar as expressões presentes nas obras trabalhadas, quanto através dos *corpora* escolhidos, disponibilizados gratuitamente na *internet*.

A pesquisa bibliográfica, aqui tão relevante para que o trabalho se tornasse realizável, se provou fundamentalmente abrangente sob a luz do âmbito teórico, especialmente nas perspectivas fraseológicas dos linguistas Martins (2020), Zuluaga (1980), Corpas Pastor (1996), Penadés Martínez (1999), Ruiz Gurillo (2002) e García-Page Sánchez (2008). Ainda assim, o aprofundamento prático que justifica a relevância desta pesquisa provou-se pertinente, visto que as obras dos autores acima mencionados não abordam de forma concreta o funcionamento real das UFs nas línguas humanas, seja sob a perspectiva

diacrônica, seja sob a perspectiva diatópica, falhando em não se utilizar de pesquisas palpáveis que ilustrassem, em dados concretos, a teoria explanada. Os exemplos oferecidos em seus textos são usualmente pontuais, selecionados intuitivamente, sem uso de *corpora* de língua real.

No que concerne a hipótese inicialmente proposta, de que a variação diatópica encontrada seria mais marcante do que a diacrônica, uma vez que o período abarcado pelos *corpora* totaliza apenas dois séculos — um tempo que se sabe ser consideravelmente curto para que mudanças significativas ocorram na língua, especialmente se considerarmos os aspectos de convencionalidade, fixação e frequência de expressões idiomáticas nos meios semióticos (Seções 2.1.2.4., 2.1.2.3. e 2.1.2.2.) —, constatou-se que mesmo que a variação do inglês estadunidense, quando comparada à do inglês britânico, tenha sido significativa, o viés que apresentou índices mais altos de mudança foi o diacrônico: o uso de EIs aumentou mais de duas vezes no período de tempo analisado entre os *corpora* britânicos, indicando resultados distintos ao que havia sido inicialmente teorizado.

Neste estudo específico, no entanto — limitado aos *corpora* e às expressões selecionadas com base em dicionários de fraseologia pelo código criado —, a variação diatópica também se provou uma marca recorrente nos padrões de uso de expressões idiomáticas, visto que 82% das UFs são mais frequentes no inglês americano, enquanto que apenas 18% são mais recorrentes no inglês britânico.

Como foi dito anteriormente, pesquisas futuras que abarquem um período de tempo mais longo, e talvez até mesmo outras variantes do inglês ou diferentes idiomas, possivelmente incluindo UFs ainda mais variadas, podem apresentar resultados diversos aos que foram encontrados aqui. No entanto, mesmo com tais ampliações dimensionais, pressupõe-se que estes não serão significativamente discrepantes em relação aos dados obtidos na presente pesquisa, devido aos aspectos essenciais das fraseologias nos quais nos

embasamos, especialmente no que diz respeito à frequência, à convencionalidade e à fixação das mesmas.

Referências

AMMER, Christine. *The American Heritage Dictionary of Idioms: American English Idiomatic Expressions & Phrases*. HMH, 2013. Disponível em <https://www.academia.edu/1094030/American_Heritage_Dictionary_of_Idioms>. Acesso em 20 abr. 2022.

ALVES, Ieda Maria. O conceito de neologia: da descrição lexical à planificação linguística. *Alfa: Revista de Linguística*, v. 40, 1996, p. 11-16. Disponível em <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/issue/view/295/42>>. Acesso em 16 ago. 2022.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2009.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: _____. *Os gêneros do discurso*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016, p. 71-107.

BALLY, Charles. *Traité de stylistique française*. Genebra/Paris: Geog e Cre/Klincksieck, 1951 *apud* MARTINS, Vicente de Paula. Guia teórico para o estudo da fraseologia portuguesa. 2020. Disponível em <<https://ebookspedroejoaoeditores.files.wordpress.com/2020/07/30-vice-ebook-capas-cola-das.pdf>>. Acesso em 09 nov. 2021.

BALDO, Alessandra. Frames cognitivos e interacionais na compreensão de expressões idiomáticas em L2: um estudo de caso. *Signótica*, v. 27, n. 2, p. 325-350, 2015. Disponível em <<https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/30973/19764>>. Acesso em 29 out. 2021.

BALDO, Alessandra. Understanding Portuguese idiomatic expressions as L2: evidence of verbal protocols. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 14, p. 375-390, 2014. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/ld/a/gf8V5mZG7tKLOn8dL5HKVbJ/?lang=pt>>. Acesso em 02 fev. 2022.

BAYLEY, Robert; LUCAS, Ceil. *Sociolinguistic variation: theories, methods, and applications*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

BECKER, Sandra Cristina. Construção de sentido das expressões idiomáticas do inglês como língua estrangeira: uma abordagem da Linguística Cognitiva. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 5, n. 2, p. 121-140, 2005. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/rbla/a/gPTGb5rBzdKSFwsHS3MNxvd/?lang=pt>>. Acesso em 29 out. 2021.

BEVILACQUA, Cleci Regina. *A Fraseologia Jurídico-Ambiental*. (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 1996, 97 p. Disponível em <<https://cupdf.com/document/a-fraseologia-juridico-ambiental-cleci-regina-bevilacqua.html>>. Acesso em 02 mai. 2022.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CHAMBERS, Jack; TRUDGILL, Peter; SCHILLING-ESTES, Natalie. *The handbook of language variation and change*. Oxford. Blackwell Publishers, 2002.

CHARAUDEAU, Patrick e MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2008. Disponível em <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5718774/mod_resource/content/1/Charadeau%20%20Maingueneau%20-%20Dicion%C3%A1rio%20de%20AD.pdf>. Acesso em 20 abr. 2022.

COELHO, Izete Lehmkuhl et al. *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.

CORPAS PASTOR, Gloria. *Manual de fraseología española*. Madrid: Gredos, 1996.

COSERIU, Eugenio. *Linguística del texto: introducción a la hermenêutica del sentido*. Madrid: Arco, 2007 *apud* MARTINS, Vicente de Paula. Guia teórico para o estudo da fraseologia portuguesa. 2020. Disponível em <<https://ebookspedroejoaeditores.files.wordpress.com/2020/07/30-vice-ebook-capas-cola-das.pdf>>. Acesso em 09 nov. 2021.

COSERIU, Eugenio. *Teoria da linguagem e linguística geral*. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

CRUZ, Ana Flávia Torquetti Domingues. Uma abordagem etimológica dos fraseologismos. In: DUCHOWNY, Alécia Teles (Org.). *Pelas veredas da Etimologia*. São Paulo: NEHiLP/FFLCH/USP, 2016, p. 25-37. Disponível em <<https://www.usp.br/nehilp/livros/Veredas.pdf>>. Acesso em 18 out. 2021.

DE ABREU, Debora Tais Batista. Expressões idiomáticas: um estudo sob a perspectiva da linguística cognitiva. *Signo*, v. 35, n. 59, p. 92-104, 2010. Disponível em <<https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/1456>>. Acesso em 18 out. 2021.

DE OLIVEIRA ALVES, Fabiane. Expressões idiomáticas e variação terminológica: possíveis interfaces. *Revista Anpoll*, v. 53, n. 1, p. 146-160, 2022. Disponível em <<https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1477/1221>>. Acesso em 23 mai. 2022.

DELBECQUE, Nicole. *A linguística cognitiva: compreender como funciona a linguagem*. Lisboa: Instituto Piaget, 2008.

DETRY, Florence. Estrategias memorísticas y aprendizaje de las expresiones idiomáticas en lengua extranjera: el papel cognitivo de la iconicidad fraseológica. Doutorado em Linguística - Departamento de Filología y Filosofía, Universidad de Girona: Girona, 2010, 359 p *apud* MARTINS, Vicente de Paula. *Guia teórico para o estudo da fraseologia portuguesa*. 2020. Disponível em <https://ebookspedroejoaoeditores.files.wordpress.com/2020/07/30-vicente-ebook-capas-coladas.pdf>. Acesso em 09 nov. 2021.

DIAGNE, Ahmadou Mapaté. Les trois volontés de Malic. Paris: Larose, 2011 *apud* MARTINS, Vicente de Paula. *Guia teórico para o estudo da fraseologia portuguesa*. 2020. Disponível em <https://ebookspedroejoaoeditores.files.wordpress.com/2020/07/30-vicente-ebook-capas-coladas.pdf>. Acesso em 09 nov. 2021.

DURKIN, Philip. *The Oxford Guide to Etymology*. Oxford: OUP, 2009.

EVERAERT, Martin et al. (Ed.). *Idioms: Structural and psychological perspectives*. Psychology Press, 2014. Disponível em https://www.academia.edu/29623523/Idioms_Structural_and_psychological_perspectives. Acesso em 02 fev. 2022.

FERRAZ, Aderlande Pereira. A inovação lexical e a dimensão social da língua. In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, p. 219- 234, 2006.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2008.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Tradução de Selma Tannus Muchall. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FREITAS, Tauani. *Equivalência Tradutória de Expressões Idiomáticas em Obras do Século XIX da Literatura Inglesa*. Monografia. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras: Belo Horizonte, 2020, 46 p.

GARCÍA-PAGE SÁNCHEZ, Mario. *Introducción a la fraseología española: estudio de las locuciones*. Rubí (Barcelona): Antropos, 2008 *apud* MARTINS, Vicente de Paula. *Guia teórico para o estudo da fraseologia portuguesa*. 2020. Disponível em <https://ebookspedroejoaoeditores.files.wordpress.com/2020/07/30-vicente-ebook-capas-coladas.pdf>. Acesso em 09 nov. 2021.

GIBBS JR, Raymond; O'BRIEN, Jennifer. Idioms and mental imagery: The metaphorical motivation for idiomatic meaning. *Cognition*, v. 36, n. 1, p. 35-68, 1990. Disponível em

<<https://www-sciencedirect.ez27.periodicos.capes.gov.br/science/article/pii/001002779090053M>>. Acesso em 02 fev. 2022.

GONZÁLEZ-REY, Maria Isabel. *Adquisición de las expresiones fijas: metodología y recursos didácticos*. Fernelmont: E.M.E., 2007 *apud* MARTINS, Vicente de Paula. Guia teórico para o estudo da fraseologia portuguesa. 2020, 123 p. Disponível em <<https://ebookspedroejoaoeditores.files.wordpress.com/2020/07/30-vice-ebook-capas-cola-das.pdf>>. Acesso em 09 nov. 2021.

GROSS, Maurice. Lexicon-Grammar. In: BROWN, K., MILLER, J. *Concise Encyclopaedia of Syntactic Theory*. Oxford: Pergamon Press, p. 1-6, 1996.

HOEY, Michael. *Lexical Priming. A new theory of words and language*. London: Routledge, 2005.

HUBERS, Ferdy; CUCCHIARINI, Catia; STRIK, Helmer. Second language learner intuitions of idiom properties: What do they tell us about L2 idiom knowledge and acquisition? *Língua*, v. 246, p. 102940, 2020, p. 1-13. Disponível em <<https://www-sciencedirect.ez27.periodicos.capes.gov.br/science/article/pii/S0024384120301480?via%3Dihub>>. Acesso em 02 fev. 2022.

KÖVECSES, Zoltán. *Metaphor: a practical introduction*. New York: Oxford University Press, 2002.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LABOV, William. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.

LABOV, William. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford/Cambridge: Blackwell, 2001.

LABOV, William. *Sociolinguistics patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1972.

LABOV, William. *What is a linguistic fact?* Belgium: The Peter de Ridder Press, 1975.

LEVORATO, Maria Chiara; NESI, Bárbara; CACCIARI, Cristina. Reading comprehension and understanding idiomatic expressions: A developmental study. *Brain and Language*, v. 91, n. 3, p. 303-314, 2004. Disponível em <<https://www-sciencedirect.ez27.periodicos.capes.gov.br/science/article/pii/S0093934X0400077X>>. Acesso em 02 fev. 2022.

MARTINS, Vicente de Paula. *Guia teórico para o estudo da fraseologia portuguesa*. 2020. Disponível em

<<https://ebookspedroejoaoeditores.files.wordpress.com/2020/07/30-vice-ebook-capas-colas.pdf>>. Acesso em 09 nov. 2021.

MOGORRÓN HUERTA, Pedro. La opacidad en las construcciones verbales fijas. In: MOGORRÓN HUERTA, Pedro e MEJRI, Salah. *Opacidad, idiomática, traducción*. Alicante: Universidade de Alicante, 2010, p. 237-259 *apud* MARTINS, Vicente de Paula. *Guia teórico para o estudo da fraseologia portuguesa*. 2020. Disponível em

<<https://ebookspedroejoaoeditores.files.wordpress.com/2020/07/30-vice-ebook-capas-colas.pdf>>. Acesso em 09 nov. 2021.

MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire Selma. Produtividade fraseológica: do cognitivo ao cultural. In SILVA, Suzete. *Fraseologia & Cia: entabulando diálogos reflexivos*. Londrina: UEL, 2012, p. 121-145.

MONTORO DEL ARCO, Esteban. *Teoría fraseológica de las locuciones particulares: Las locuciones prepositivas, conjuntivas y marcadoras en español*. Frankfurt: Peter Lang, 2006 *apud* MARTINS, Vicente de Paula. *Guia teórico para o estudo da fraseologia portuguesa*. 2020, 123 p. Disponível em

<<https://ebookspedroejoaoeditores.files.wordpress.com/2020/07/30-vice-ebook-capas-colas.pdf>>. Acesso em 09 nov. 2021.

NEGRO ALOUSQUE, Isabel. La traducción de las expresiones idiomáticas marcadas culturalmente. *Revista de Lingüística y Lenguas Aplicadas*, vol. 5, 2010, p. 133-140 *apud* MARTINS, Vicente de Paula. *Guia teórico para o estudo da fraseologia portuguesa*. 2020. Disponível em

<<https://ebookspedroejoaoeditores.files.wordpress.com/2020/07/30-vice-ebook-capas-colas.pdf>>. Acesso em 09 nov. 2021.

NUNBERG, Geoffrey; SAG, Ivan; WASOW, Thomas. Idioms. *Language*, v. 70, n. 3, p. 491-538, 1994. Disponível em <<https://muse.jhu.edu/article/452933>>. Acesso em 16 ago. 2022.

PAGOTTO, Emilio Gozze et al. *Varição e identidade*. 2001. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 327 p.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática expositiva: curso superior*. São Paulo: CEN, 1957.

PERINI, Mário. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2010.

PRADO, Natália. Estrangeirismos. In: *O uso do inglês em contexto comercial no Brasil e em Portugal: questões linguísticas e culturais*. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 27-70. Disponível em

<<http://books.scielo.org/staff/book/id/rxwst/attachs/9788579836541.epub>>. Acesso em 04 jul. 2022.

PORTO DAPENA, José-Álvaro. *Manual de técnica lexicográfica*. Madrid: Arco, 2002.

RUIZ GURILLO, Leonor. *Ejercicios de fraseología*. Madrid: Arco, 2002 *apud* MARTINS, Vicente de Paula. Guia teórico para o estudo da fraseologia portuguesa. 2020, 123 p. Disponível em <<https://ebookspedroejoaoeditores.files.wordpress.com/2020/07/30-vicente-ebook-capas-colas.pdf>>. Acesso em 09 nov. 2021.

SALIBA, Márcia de Carvalho. 2000. 122 p. *Unidades lexicais maiores que a palavra: descrição linguística, considerações psicolinguísticas e implicações pedagógicas*. Mestrado em Letras - Curso de Pós-Graduação em Letras/Linguística. Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2000.

SAUSSURE, Ferdinand de. *As palavras sob as palavras*. Tradução de Carlos Vogt. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, [1916] 2012.

SEARLE, John. *Expressão e sentido: estudos da teoria dos atos da fala*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

STREHLER, René. Fraseologismos e cultura. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 48, n. 1, p. 9-21, 2009. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/tla/a/y4kCBvtVXnSzhj6WVvFDvzj/?lang=pt>>. Acesso em 16 ago. 2022.

SIQUEIRA, Maity Simone Guerreiro; MARQUES, Daniela Fernandes. Desenvolvimento e validação do instrumento de compreensão de expressões idiomáticas. *Revista de estudos da linguagem*, v. 26, n. 2, p. 571-591, 2018. Disponível em <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/183077>>. Acesso em 29 out. 2021.

SILVA, Paulo Cesar Garré; DE SOUSA SOUSA, Antonio Paulino. Língua e Sociedade: influências mútuas no processo de construção sociocultural. *Revista Educação e Emancipação*, n. 1, p. 260-285, 2017. Disponível em <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/reducaoemancipacao/article/view/7726/4725>>. Acesso em 29 out. 2021.

SOLANO RODRÍGUEZ, Maria Ángeles. Las unidades fraseológicas del francés y del español: tipología y clasificación. *Paremia*, v. 21, p. 117-128, 2012 *apud* MARTINS, Vicente de Paula. Guia teórico para o estudo da fraseologia portuguesa. 2020. Disponível em

<<https://ebookspedroejoaoeditores.files.wordpress.com/2020/07/30-vicente-ebook-capas-colas.pdf>>. Acesso em 09 nov. 2021.

TAGNIN, Stella. *O jeito que a gente diz: expressões convencionais e idiomáticas*. São Paulo: Disal, 2005.

TITONE, Debra; CONNINE, Cynthia. On the compositional and noncompositional nature of idiomatic expressions. *Journal of Pragmatics*, v. 31, n. 12, p. 1655-1674, 1999. Disponível em

<<https://www.sciencedirect.ez27.periodicos.capes.gov.br/science/article/pii/S0378216699000089?via%3Dihub>>. Acesso em 02 fev. 2022.

TRUDGILL, Peter. *Sociolinguistics: an introduction to language and society*. Great Britain: Penguin Books, 1974.

VELASCO, Yvonne Pedria. Compositionality/non-compositionality of idioms: Non-native speakers' constraints to comprehension. *Indonesian Journal of Applied Linguistics*, v. 6, n. 1, p. 135-144, 2016. Disponível em

<<https://ejournal.upi.edu/index.php/IJAL/article/view/2745/1878>>. Acesso em 02 fev. 2022.

VIARO, Mário Eduardo. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2014.

VIARO, Mário Eduardo. Uma breve história da etimologia. *Filologia Linguística Portuguesa*, São Paulo, v. 15, n. spe., dez. 2014, p. 27-67. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/82818/85771>>. Acesso em 29 out. 2021.

VILELA, Mário. *As expressões idiomáticas na língua e no discurso*. Porto: Universidade do Porto, 2002.

XATARA, Claudia Maria. O campo minado das expressões idiomáticas. *Alfa*, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 147-159, 1998. Disponível em

<<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/107755>>. Acesso em 02 fev. 2022.

WEINREICH, Uriel. *Languages in contact*. Paris: Mouton, 1970. Disponível em <<https://www.perlego.com/book/654613/languages-in-contact-pdf>>. Acesso em 02 abr. 2022.

ZULUAGA, Alberto. La fijación fraseológica. *Thesaurus*, v. 1, 1975, p. 225-248. Disponível em <http://bibliotecadigital.caroycuervo.gov.co/503/1/TH_30_002_017_0.pdf>. Acesso em 02 mai. 2022.

ZULUAGA, Alberto. Introducción al estudio de las expresiones fijas. Frankfurt am Maim: Peter D. Lang, 1980 *apud* MARTINS, Vicente de Paula. *Guia teórico para o estudo da fraseologia portuguesa*. 2020, 123 p. Disponível em

<<https://ebookspedrojoaoeditores.files.wordpress.com/2020/07/30-vicente-ebook-capas-cola-das.pdf>>. Acesso em 09 nov. 2021.

Textos do *Corpus*

BRONTË, Emily. *Wuthering heights*. Oxford: OUP, 1847.

SHELLEY, Mary. *Frankenstein, or, the modern Prometheus*. London: Penguin, 1818.

STEVENSON, Robert. *Strange case of Dr Jekyll and Mr Hyde and other tales*. Oxford: OUP, 1866.

STOKER, Bram. *Dracula*. Londres: Broadview Press, 1897.

Corpora Online

BNC. *British National Corpus*. Disponível em <<https://www.english-corpora.org/bnc/>>. Acesso em 06 dez. 2021.

COCA. *Corpus of Contemporary American English*. Disponível em <<https://www.english-corpora.org/coca/>>. Acesso em 06 dez. 2021.

COHA. *Corpus of Historical American English*. Disponível em <<https://www.english-corpora.org/coha/>>. Acesso em 06 dez. 2021.

HANSARD. *Hansard British Corpus*. Disponível em <<https://www.english-corpora.org/hansard/>>. Acesso em 06 dez. 2021.

HOLMES, David. *Idioms and Expressions: a method for learning and remembering idioms and expressions*. 2013. Disponível em <http://www.aghalibrary.com/storage/books/1612850111_AghaLibrary.pdf>. Acesso em 29 mar. 2022.

Código

LIMA, Thiago Luigi Gonçalves. *Projeto em Python*, 2021. Disponível em <<https://colab.research.google.com/drive/1Bbtfkln1tVpQeKXeqKUvkwPBse8nehxz?usp=sharing>>. Acesso em 01 nov. 2022.

APÊNDICE A — Análise comparativa entre as obras

Assim como na Tabela 1, as colunas abaixo separam a quantidade de ocorrências de UFs por fraseologia e por obras, bem como delinea sua frequência de uso em relação ao número de palavras total de cada livro.

Unidades Fraseológicas	<i>Dracula</i> (Total de palavras: 160.576)	<i>Frankenstein, or the Modern Prometheus</i> (Total de palavras: 75.003)	<i>Strange Case of Dr Jekyll and Mr Hyde</i> (Total de palavras: 25.706)	<i>Wuthering Heights</i> (Total de palavras: 115.969)
<i>a tooth for a tooth</i>	0	0	0	1
<i>an eye for an eye</i>	0	0	0	1
<i>body and soul</i>	1	0	0	1
<i>call on the carpet</i>	0	1	0	0
<i>cold shoulder</i>	0	0	0	1
<i>day and night</i>	1	1	1	1
<i>dog in the manger</i>	0	0	0	1
<i>equal to the task</i>	1	0	0	0
<i>flesh and blood</i>	0	0	0	3
<i>have pink fit</i>	0	0	0	1
<i>kid gloves</i>	1	0	0	0
<i>lift a finger</i>	0	0	0	1
<i>line of least resistance</i>	1	0	0	0
<i>no stone unturned</i>	1	0	0	0
<i>old hand</i>	2	0	1	1
<i>old hat</i>	0	0	0	1
<i>old school</i>	0	0	1	0
<i>out of sorts</i>	0	0	0	1
<i>over my head</i>	1	1	0	1
<i>over the hill</i>	0	0	0	2

<i>over the moon</i>	0	0	1	0
<i>own flesh and blood</i>	0	0	0	3
<i>raise a hand</i>	1	0	0	0
<i>read between the lines</i>	1	0	0	0
<i>red herring</i>	0	0	0	1
<i>ring a bell</i>	3	1	0	2
<i>sheepskin</i>	2	0	0	0
<i>silver lining</i>	1	1	1	0
<i>silver spoon</i>	0	0	0	1
<i>start slate clean</i>	1	0	0	0
<i>to a T</i>	4	4	3	3
<i>will of the wisp</i>	1	0	0	0
<i>wolf in sheep's clothing</i>	3	1	2	2

Fonte: Autora

APÊNDICE B — Análise comparativa entre os *corpora*

Assim como nas Tabelas 2, 3, 4 e 5, as colunas abaixo separam as unidades fraseológicas selecionadas, seus significados, e ocorrências destas em cada um dos *corpora* analisados. A frequência (F) das expressões é numerada, bem como sua porcentagem (P) em relação ao total de palavras dos *corpora*. As porcentagens destacadas em negrito indicam quais são as mais recorrentes entre os *corpora* de inglês britânico e entre os *corpora* de inglês americano, permitindo a análise diacrônica, considerando que, para cada variante do idioma, há um *corpus* histórico e um *corpus* atual. Já as porcentagens sublinhadas são as maiores em relação a cada unidade fraseológica, permitindo a análise diatópica, tendo em vista que vai indicar necessariamente um *corpus* do inglês britânico *ou* um *corpus* do inglês americano.

UFs	COHA	COCA	HANSARD	BNC
<i>a tooth for a tooth</i>	F: 77 <u>P: 0,0016%</u>	F: 98 P: 0,0009%	F: 146 P: 0,0009%	F: 5 P: 0,0005%
<i>an eye for an eye</i>	F: 180 P: 0,0037%	F: 490 <u>P: 0,0048%</u>	F: 185 P: 0,0012%	F: 11 P: 0,0011%
<i>body and soul</i>	F: 776 <u>P: 0,0163%</u>	F: 765 P: 0,0076%	F: 639 P: 0,0039%	F: 69 P: 0,0071%
<i>call on the carpet</i>	F: 103 <u>P: 0,0021%</u>	F: 0 P: 0%	F: 0 P: 0%	F: 0 P: 0%
<i>cold shoulder</i>	F: 190 <u>P: 0,0039%</u>	F: 319 P: 0,0031%	F: 136 P: 0,0008%	F: 26 P: 0,0027%
<i>day and night</i>	F: 3302 <u>P: 0,0695%</u>	F: 3183 P: 0,0317%	F: 2822 P: 0,0176%	F: 310 P: 0,0322%
<i>dog in the manger</i>	F: 408 <u>P: 0,0085%</u>	F: 0 P: 0%	F: 224 P: 0,0014%	F: 0 P: 0%
<i>equal to the task</i>	F: 147 <u>P: 0,0030%</u>	F: 72 P: 0,0007%	F: 215 P: 0,0013%	F: 9 P: 0,0009%
<i>flesh and blood</i>	F: 1536 <u>P: 0,0323%</u>	F: 1255 P: 0,0125%	F: 832 P: 0,0052%	F: 109 P: 0,0113%
<i>have pink fit</i>	F: 0 P: 0%	F: 452 P: 0,0045%	F: 0 P: 0%	F: 101 <u>P: 0,104%</u>

<i>kid gloves</i>	F: 0 P: 0%	F: 275 <u>P: 0.0027%</u>	F: 0 P: 0%	F: 22 <u>P: 0.0022%</u>
<i>lift a finger</i>	F: 184 <u>P: 0.0038%</u>	F: 326 P: 0,0032%	F: 175 P: 0,0010%	F: 15 <u>P: 0.0015%</u>
<i>line of least resistance</i>	F: 92 <u>P: 0.0019%</u>	F: 0 P: 0%	F: 379 <u>P: 0.0023%</u>	F: 18 P: 0,0018%
<i>no stone unturned</i>	F: 151 <u>P: 0.0031%</u>	F: 255 P: 0,0025%	F: 487 <u>P: 0.0032%</u>	F: 14 P: 0,0014%
<i>old hand</i>	F: 311 <u>P: 0.0065%</u>	F: 205 P: 0,0020%	F: 228 P: 0,0014%	F: 43 <u>P: 0.0044%</u>
<i>old hat</i>	F: 0 P: 0%	F: 1180 <u>P: 0.0117%</u>	F: 0 P: 0%	F: 39 <u>P: 0.0040%</u>
<i>old school</i>	F: 1061 P: 0,0223%	F: 3034 <u>P: 0.0302%</u>	F: 1044 P: 0,0065%	F: 280 <u>P: 0.0290%</u>
<i>out of sorts</i>	F: 245 <u>P: 0.0051%</u>	F: 338 P: 0,0033%	F: 28 P: 0,0001%	F: 34 <u>P: 0.0035%</u>
<i>over my head</i>	F: 0 P: 0%	F: 954 <u>P: 0.0095%</u>	F: 0 P: 0%	F: 98 <u>P: 0.0101%</u>
<i>over the hill</i>	F: 0 P: 0%	F: 1030 <u>P: 0.0102%</u>	F: 0 P: 0%	F: 88 <u>P: 0.0091%</u>
<i>over the moon</i>	F: 0 P: 0%	F: 975 <u>P: 0.0097%</u>	F: 0 P: 0%	F: 100 <u>P: 0.0103%</u>
<i>own flesh and blood</i>	F: 366 <u>P: 0.0077%</u>	F: 250 P: 0,0024%	F: 158 P: 0,0009%	F: 24 <u>P: 0.0024%</u>
<i>raise a hand</i>	F: 72 <u>P: 0.0015%</u>	F: 89 P: 0,0008%	F: 0 P: 0%	F: 6 <u>P: 0.0006%</u>
<i>read between the lines</i>	F: 162 P: 0,0034%	F: 436 <u>P: 0.0043%</u>	F: 249 P: 0,0015%	F: 30 <u>P: 0.0031%</u>
<i>red herring</i>	F: 162 P: 0,0034%	F: 920 <u>P: 0.0091%</u>	F: 2158 <u>P: 0.0134%</u>	F: 56 P: 0,0058%
<i>ring a bell</i>	F: 0 P: 0%	F: 696 <u>P: 0.0069%</u>	F: 0 P: 0%	F: 29 <u>P: 0.0030%</u>
<i>sheepskin</i>	F: 380 <u>P: 0.0079%</u>	F: 0 P: 0%	F: 69 <u>P: 0.0004%</u>	F: 0 P: 0%
<i>silver lining</i>	F: 223 P: 0,0046%	F: 1299 <u>P: 0.0129%</u>	F: 319 P: 0,0019%	F: 50 <u>P: 0.0051%</u>
<i>silver spoon</i>	F: 169 <u>P: 0.0035%</u>	F: 326 P: 0,0032%	F: 51 P: 0,0003%	F: 33 <u>P: 0.0034%</u>
<i>start slate clean</i>	F: 60 P: 0,0012%	F: 190 <u>P: 0.0189%</u>	F: 313 <u>P: 0.0019%</u>	F: 12 P: 0,0012%

<i>to a T</i>	F: 68 P: 0,0014%	F: 278 <u>P: 0,0027%</u>	F: 0 P: 0%	F: 8 P: 0,0008%
<i>will of the wisp</i>	F: 236 <u>P: 0,0049%</u>	F: 0 P: 0%	F: 90 P: 0,0005%	F: 0 P: 0%
<i>wolf in sheep's clothing</i>	F: 37 P: 0,0007%	F: 106 <u>P: 0,0010%</u>	F: 63 P: 0,0003%	F: 7 P: 0,0007%

Fonte: Autora

APÊNDICE C — Resultados obtidos

A tabela a seguir reúne os dados condensados na Seção 5.3, especialmente na Tabela 6, indicando, respectivamente: as expressões que eram mais utilizadas no século XIX em contraste com o século XXI (somando as médias das variantes britânica e estadunidense), quais eram mais frequentes no inglês britânico em oposição ao inglês americano (somando as médias dos séculos XIX e XXI), quais, por sua vez, eram mais recorrentes no inglês americano do século XIX e no inglês americano do século XXI, bem como quais eram mais utilizadas no inglês britânico do século XIX e no inglês britânico do século XXI.

UFs	+ XIX	+ XXI	+ Am	+ Br	+ An Am	+ At Am	+ An Br	+ At Br
1	X		X		X			X
2		X	X			X	X	
3	X		X		X			X
4	X		X		X			
5		X	X		X			X
6	X		X		X			X
7	X		X		X		X	
8	X		X		X		X	
9	X		X		X			X
10		X		X		X		X
11		X	X			X		X
12	X		X		X			X
13	X			X	X		X	
14	X		X		X		X	
15		X	X		X			X
16		X	X			X		X
17		X	X			X		X
18		X	X		X			X

19		X		X		X		X
20		X	X			X		X
21		X		X		X		X
22	X		X		X			X
23	X		X		X			X
24		X	X			X		X
25	X			X		X	X	
26		X	X			X		X
27	X		X		X		X	
28		X	X			X		X
29		X	X		X			X
30		X	X			X	X	
31		X		X		X		X
32	X		X		X		X	X
33		X	X			X		X
Total	15	18	27	6	18	15	9	24

Fonte: Autora

APÊNDICE D — Código criado para coleta dos dados da pesquisa (LIMA, 2021)

```
import re

with open('Expressions.txt', mode='r', encoding='utf-8') as
expressions_file:

    expressions = expressions_file.read().splitlines()
    expressions_stripped = (x.strip() for x in expressions)
    expressions = [x for x in expressions_stripped if x]
    expressions = sorted(expressions)

    print(len(expressions))
    print(expressions)

with open('books.txt', mode='r', encoding='utf-8') as f:

    books = f.read().splitlines()

books = [string for string in books if string != ""]
books = ' '.join(books)

books_expressions_count = []
books_expressions_count_to_print = []
expressions_indexes = []
expressions_context = []
context = []
```

```
final_context = []

for expression in expressions:
    expressions_indexes.append([m.start() for m in
re.finditer(str(expression), books)])

for expression in expressions_indexes:
    number = -50

    context.clear()

    for place in expression:
        while number < 50:
            context.append(books[place + number])

            number = number + 1

        number = -50

    final_context = ''.join(context)
    expressions_context.append(final_context)

    context.clear()

for expression in expressions:
    expression_count = books.count(str(expression))
    books_expressions_count.append(expression_count)

    if expression_count > 0:
        books_expressions_count_to_print.append([expression,
expression_count])

display(books_expressions_count_to_print)
```

```
print()

display(len(expressions_context))

display(list(expressions_context))

total_ocurrences = []

number = 0

while number < len(expressions):

    total_ocurrences.append([expressions[number], 'Dracula',
dracula_expressions_count[number], 'Frankenstein',
frank_expressions_count[number], 'Strange',
strange_expressions_count[number], 'Wuthering',
wuthering_expressions_count[number]])

    number = number + 1

number = 0

print(total_ocurrences)

while number < len(total_ocurrences):

    if total_ocurrences[number][2] > 0 or
total_ocurrences[number][4] > 0 or
total_ocurrences[number][6] > 0 or
total_ocurrences[number][8]:

        print(total_ocurrences[number])

        number = number + 1
```

```
number = 0
```

Fonte: LIMA, Thiago Luigi Gonçalves. *Projeto em Python*, 2021. Disponível em <<https://colab.research.google.com/drive/1Bbtfkn1tVpOeKXeqKUvkwPBse8nehxz?usp=sharing>>. Acesso em 01 nov. 2022.